



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO CAPITALISTA:
ÉTICA DO TRABALHO OU ÉTICA DA EDUCAÇÃO?
ESTUDO DE CASO DOS PROTESTANTES DE SANTA
CATARINA**

Joseani Polastre Bonfim Rezende

Florianópolis, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO CAPITALISTA:
ÉTICA DO TRABALHO OU ÉTICA DA EDUCAÇÃO?
ESTUDO DE CASO DOS PROTESTANTES DE SANTA
CATARINA**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM5420 – Monografia

Por: Joseani Polastre Bonfim Rezende

Orientadora: Professora Carmem Rosário O. G. Gelinski

Área de Pesquisa: Economia Aplicada

Palavras-chave:

1. Capitalismo
2. Protestantismo
3. Economia
4. Educação

Florianópolis, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A banca examinadora resolveu atribuir a nota ____ à aluna Joseani Polastre Bonfim Rezende, na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Carmem Rosário O. G. Gelinski
(Presidente)

Prof. Gustavo Elysio Namizaki
(Membro)

Prof. Pedro Antonio Vieira
(Membro)

Florianópolis, 2008.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o autor da vida, pela saúde e privilégio de vivenciar nova experiência e o cumprimento de mais uma fase em minha vida.

À professora orientadora Carmen, que me acompanhou neste trabalho, meu carinho e admiração. Obrigada pela disponibilidade, compreensão, paciência e conselhos.

A todos os professores do curso pela dedicação, entusiasmo e principalmente por terem aflorado em mim um senso crítico.

Aos colegas, pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa demonstração de amizade e companheirismo.

À querida revisora Myriam Botelho Ramos, sem a qual a monografia não teria a mesma qualidade.

A minhas irmãs e aos amigos que sempre estiveram do meu lado nesta jornada me incentivando a prosseguir.

Aos meus pais, pelos ensinamentos e exemplos que levarei no meu coração por todos os dias da minha vida.

Ao meu marido Carlos Eduardo, por seu amor e apoio emocional, financeiro e afetivo, durante nossa vida em comum.

À minha filha Pietra, por sua amabilidade diária, pela paciência, pois muitas vezes teve que suportar minha ausência e falta de atenção. Por ser tão linda e meiga, inspirando-me a querer ser alguém melhor.

Há uma contradição fundamental entre o saber positivo, demonstrado, mas inacabado, e o saber nascido das religiões, que não pode ser provado, mas que dá respostas às questões essenciais. Segundo Max Weber, os homens hoje só encontram respostas a tais questões através de uma decisão individual, arbitrária e incondicional. Cada um de nós deve escolher seu Deus, ou seu demônio.

Raymond Aron, (1905 -1983).

RESUMO

REZENDE, Joseani Polastre Bonfim. A Ética Protestante e o Espírito Capitalista: Ética do Trabalho ou Ética da Educação? Estudo de Caso dos Protestantes de Santa Catarina. 61 páginas. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Este trabalho visa entender qual a vinculação de sentidos existente entre o desenvolvimento do capitalismo e o significado da ética protestante. Esta ética, baseada no trabalho, associa trabalhadores e empresários com certas características morais à gênese do capitalismo, via ascetismo intramundano e racionalização econômica. Nos países analisados por Weber, os empresários e os trabalhadores mais qualificados eram de confissão protestante. Tendo em vista a considerável expansão dos protestantes no Brasil, teria validade, para Santa Catarina, a tese da relação entre a ética protestante e o desenvolvimento do capitalismo? Diante dessa interrogante, este trabalho primeiramente caracteriza o perfil dos protestantes em Santa Catarina para depois explorar a possível relação entre desenvolvimento econômico e religião. No Brasil e no estado, o protestantismo tem sido a escolha feita por grande parte de pessoas com baixo grau de instrução e, conseqüentemente, de baixa renda. O trabalho conclui que isso acontece, em parte, pelo papel social que a Igreja Protestante tem assumido frente à ausência do Estado. Ou seja, a Igreja tem sido a voz dos sem voz. Em Santa Catarina, assim como no país, observa-se essa tendência. A religião protestante tem se inserido na sociedade como uma rede de proteção social dos silenciados. Estes podem ser mulheres, negros, índios, deficientes, imigrantes, moradores de favelas e pessoas em geral com pouco estudo e rendas inferiores. Conclui também, que se bem os dados mostram, a impossibilidade de associar, em Santa Catarina, a religião protestante às camadas mais bem sucedidas da população, isso não exclui a possibilidade de que o ingresso nessa religião traga desenvolvimento econômico futuro pela adoção de um estilo de vida mais regrado.

Palavras-chave: Capitalismo. Protestantismo. Economia. Educação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Síntese de “A Ética Protestante”, de Max Weber.	19
Figura 2 – Religião por Regiões do Brasil	23
Figura 3 – Brasil- Classificação dos evangélicos quanto à doutrina (2000).	25
Figura 4 - Descrição das Igrejas evangélicas mais representativas, por região.	25
Figura 5 – Desenvolvimento Socioeconômico.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução das Religiões no Brasil – (1991-2003).....	24
Gráfico 2 – Evolução Histórica das Religiões em Santa Catarina	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da População brasileira por grupos religiosos (1940- 2000).....	22
Tabela 2 – Renda familiar por classes sociais e religião (% em 2000).....	26
Tabela 3 – Comparação da evolução das Religiões em Santa Catarina e no Brasil (% em 1991-2003)	27
Tabela 4 – Religião quanto ao sexo em Santa Catarina (2000).....	29
Tabela 5 – Posição na Família por Religião, em Santa Catarina (2000)	30
Tabela 6 – Faixa Etária por Religião, em Santa Catarina (2000).....	31
Tabela 7 – Cor ou Raça das Religiões em Santa Catarina (2000).....	32
Tabela 8 – Pessoas Portadoras de Deficiência por Religião, em Santa Catarina (2000).....	33
Tabela 9 – Imigração por religião em Santa Catarina (2000)	34
Tabela 10 – Religião por imigração nos Municípios Catarinenses. (2000)	35
Tabela 11 – Posição na Ocupação por religião em Santa Catarina (2000).....	36
Tabela 12 – Setor de Atividade em Santa Catarina (2000).....	36
Tabela 13 – Situação do Domicílio em Santa Catarina (2000)	37
Tabela 14 – Tamanho das Cidades Catarinenses por religião (2000).....	38
Tabela 15 – Distribuição das Religiões pelas Cidades Catarinenses (2000).....	38
Tabela 16 – Situação do Setor Domicílio em Santa Catarina (2000)	39
Tabela 17 – Opção Religiosa das Mulheres e Efeito sobre a Escolaridade dos Filhos	43
Tabela 18 – Anos de Estudo por religião em Santa Catarina (2000).....	45
Tabela 19 – Distribuição das Religiões por tempo de estudo (2000)	46
Tabela 20 – Renda Per Capita por religião em Santa Catarina (2000).....	46

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

FGV -	Fundação Getúlio Vargas
FUNAI-	Fundação Nacional do Índio
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LIBRAS-	Língua Brasileira de Sinais
MAI-	Ministério de Apoio com Informação
POF-	Pesquisa de Orçamentos Familiares

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Problema de Pesquisa	12
1.2	Objetivos	14
1.2.1	Objetivo Geral	14
1.2.2	Objetivo Específico.....	14
1.3	Metodologia	14
2	A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO CAPITALISTA	15
2.1	Introdução	15
2.2	Capitalismo e Protestantismo	15
3	CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS E ASPECTOS ECONÔMICOS	21
3.1	Introdução	21
3.2	Caracterização das Religiões no Brasil	21
3.3	Dados Demográficos dos protestantes em Santa Catarina	27
3.4	Perfil Socioeconômico dos protestantes de Santa Catarina	35
3.5	Situação Espacial em Santa Catarina	37
4	RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E RENDA.....	40
4.1	Introdução	40
4.2	Protestantismo e Educação Brasileira.....	40
4.3	Opção Religiosa das Mulheres e Efeito sobre a Escolaridade dos Filhos	42
4.4	Anos de Estudo por religião em Santa Catarina.....	44
4.5	Renda por Religião	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50
	ANEXOS.....	55

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

De modo diferente de Karl Marx, para quem a origem do capitalismo inglês está ligada à apropriação da terra (para a produção de lã em grande escala) e à formação de um excedente de força de trabalho, Max Weber acredita que a explicação da transição da sociedade tradicional para a capitalista e sua contínua expansão está fortemente relacionada ao surgimento de uma nova ética - a Ética Protestante.

Weber supõe que o capitalismo é fruto das ações humanas e em especial de um tipo de ação. Para ele, o que fundou o capitalismo foi um novo tipo de empresário e um novo tipo de trabalhador. Estes agentes se distinguem dos demais pelo *ethos*.

Para Summer (1987), ética é a totalidade dos traços característicos pela qual um grupo se individualiza e se diferencia dos outros. Ética designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Indica uma espécie de síntese dos costumes de um povo. Vaz (1993) descreve sobre o termo *ethos* do grego, *ethos* (com eta, inicial (η)) e *ethos* (com *épsilon* inicial (ϵ)):

A primeira acepção de *ethos* (com eta inicial) designa a morada do homem. O homem habita sobre a terra acolhendo-se ao recesso seguro do *ethos*. Este sentido de lugar de estada permanente e habitual de um abrigo protetor, constitui a raiz semântica que da origem a significação do *ethos* como costume, esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação (...). A segunda acepção de *ethos* (com *épsilon* inicial) diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos (...). O *ethos* nesse caso, denota uma constância do agir que se contrapõe ao impulso do desejo. Essa constância do *ethos* como disposição permanente é a manifestação e como que o vinco profundo do *ethos* como costume, seu fortalecimento e o relevo dado às suas peculiaridades. O modo de agir do indivíduo, expressão da sua personalidade ética, deverá traduzir, finalmente a articulação entre *ethos* como caráter e o *ethos* como hábito (VAZ, 1993, p.13 e 14).

Para Weber, há uma clara afinidade entre a ética protestante e o espírito do capitalismo. Weber define o Espírito do capitalismo como de idéias e hábitos que favorecem a procura racional de ganho econômico. Ele mostrou que o protestantismo favorecia o comportamento econômico racional e que a vida terrena recebeu um significado espiritual e moral positivo (Weber, 2004). Com isso, para Weber, o capitalismo e o desenvolvimento estavam correlacionados com uma ética do trabalho que só o protestantismo tinha.

A base da ética do trabalho está na convicção religiosa de que o sucesso nas atividades mundanas é prova de eleição, pois ser próspero significava ser predestinado. Weber diz que “o trabalho mais eficaz é manifestação da glória de Deus” (FREUND, 1987, p.151). Na certeza da graça concedida aos predestinados, estes se lançam numa intensa atividade profissional.

Segundo Almeida (2008), antes da teologia protestante o trabalho era mal visto. A salvação era obtida somente por intermédio da vocação religiosa, da compra de indulgência e por outros caminhos aos quais nem todos tinham acesso. Calvino e Lutero democratizaram o acesso à salvação através do trabalho. De certa forma é como se tivesse sido criada uma ética do trabalho: trabalha-se cada vez mais para glorificar a Deus.

No entender de Almeida, a característica predominante do protestantismo é a democratização: o trabalho democratizaria o acesso à salvação. A Bíblia foi traduzida como forma de democratização ao acesso à palavra de Deus. O protestantismo alfabetizava como democratização para as pessoas terem a capacidade de ler a Bíblia.

Para Lembo, Lutero, além de democratizar a educação, lançou as bases da moderna escola pública e do ensino obrigatório:

Na carta “Aos Conselheiros de todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs”, de 1524, Lutero, além de tratar do descaso para com as escolas, o esvaziamento das universidades, a necessidade do estudo do alemão e de outros idiomas, a utilização de melhores métodos na educação, a criação de boas bibliotecas, diz: Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos [...]. Para ensinar e educar bem as crianças precisa-se de gente especializada. Por isso vos imploro a todos, meus caros senhores e amigos, por amor de Deus e da pobre juventude, que não considereis esta causa [criação de escolas e verba para educação] de somenos importância, como o fazem muitos que não enxergam a intenção do príncipe do mundo. Pois se trata de causa séria e importante. (LEMBO, 2000 p.19)

Sant’Anna, (2004) fala do efeito que a alfabetização e, em consequência, a leitura da Bíblia teria sobre a educação. Menciona que Lutero tirou a Bíblia do convento e a levou para a casa das famílias, com objetivo de disponibilizá-la para um grande número de pessoas, possibilitando sua livre interpretação. Em 1521, ele publicou a Bíblia em alemão (o que foi fundamental, do ponto de vista cultural, para a sistematização da gramática germânica, antes da existência da Alemanha como país propriamente dito) e, em poucos anos, novas publicações em vários idiomas europeus foram realizadas. Portanto, a religião protestante teve impacto na educação, que teve impacto no crescimento econômico.

Diante disso, uma pergunta que fazemos neste trabalho, e que constitui o seu fio condutor, é: a causa do desenvolvimento econômico foi a ética do trabalho, como defendeu Weber, ou a ética da educação?

Assim, interessa traçar o perfil socioeconômico dos protestantes em Santa Catarina e verificar se, de fato, o avanço do protestantismo pode ser relacionado, no estado, à ética do trabalho ou à educação.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Diante do problema exposto, o objetivo deste trabalho consiste em:

- Identificar dentro do estado de Santa Catarina, à luz da teoria Weberiana, se o desenvolvimento socioeconômico dos protestantes deve-se a fatores da ética do trabalho ou da ética da educação.

1.2.2 Objetivo Específico

- Realizar um resgate histórico da tese de Weber em seu livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”;
- Apresentar o crescimento dos protestantes no Brasil e identificar suas características socioeconômicas em Santa Catarina.
- Analisar a educação dos evangélicos de Santa Catarina e seu impacto na renda per capita.

1.3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva, pois apresenta as características da população evangélica considerando-se sexo, faixa etária, nível de renda e escolaridade.

É também exploratória na medida em que se pretende levantar hipóteses, pois são escassos os estudos publicados sobre a situação dos protestantes em Santa Catarina. Tem como metas principais gerar novos conhecimentos que permitem avançar na discussão sobre a tese de Weber sobre a ligação entre o protestantismo e o capitalismo.

2 A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO CAPITALISTA

2.1 INTRODUÇÃO

Weber observa na gênese do capitalismo, a correlação entre a ética protestante¹ e o espírito capitalista. Ele ressalta que os agentes decisivos no desenvolvimento do capitalismo alemão eram predominantemente protestantes e o maior desenvolvimento do capitalismo se deu em países de confissão protestante. Para Weber (2004, p.40) o papel que os protestantes desempenharam no nascimento do capitalismo se explica pelo “caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas pelas situações temporárias externas, históricas e políticas”.

No presente capítulo, é abordada a idéia de Max Weber sobre religião e economia, pretendendo-se entender melhor sua tese. Weber constatou que os protestantes, aparentemente por causa das suas crenças, deram uma importante contribuição para a formação do espírito capitalista. Depois de exaustivas análises, Weber postula a tese de que a explicação para o fato deveria ser encontrada na íntima vinculação do capitalismo com o protestantismo:

Um simples olhar às estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista mostrará, com notável freqüência, uma situação que por muitas vezes provocou discussões na imprensa e literatura católicas e nos congressos católicos, sobretudo na Alemanha: o fato de que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados, e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas, é predominantemente protestante (WEBER, 2004 p. 37).

Neste sentido, é intenção deste capítulo compreender a tese de Weber, que relaciona a religião protestante com o capitalismo.

2.2 CAPITALISMO E PROTESTANTISMO

Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber faz uma comparação entre as grandes religiões e a inter-relação entre as condições econômicas, as situações sociais e as convicções religiosas (ARON, 1993). Teixeira (2003) afirma que Weber passa a se interessar pela religião à medida que ela é capaz de desenvolver atitudes e disposições

¹ Protestante: O nome “protestante” advém dos protestos dos cristãos do século XVI, liderados por Lutero, cuja base era a idéia de que a salvação tinha sua origem num ato de fé e não de obras de caridade. No Brasil o termo Evangélico substitui o termo “protestante” retirando a conotação pejorativa do termo.

para aceitar ou rejeitar determinados estilos de vida ou para criar novos. Weber afirma que o sucesso do capitalismo depende, em parte, da disposição dos homens em adotar certo tipo de conduta racional e assim, um novo estilo de vida. Através da religião se poderia, de certa forma, conhecer os motivos e intenções de um conjunto de ações sociais.

Weber traça detalhadamente o tipo de conduta religiosa ideal para o desenvolvimento do capitalismo. Trata-se do ascetismo intramundano vivenciado pelos protestantes. Não seria possível que o ascetismo do catolicismo tivesse influenciado o capitalismo, pois a piedade popular católica espera recompensa após a morte (SANT'ANNA, 2004).

(...), o ascetismo intramundano praticado pelos puritanos - com seu elevado grau de racionalização - engendrou, segundo Weber, o espírito do capitalismo, produzindo empresários e trabalhadores ideais para a consolidação de uma nova ordem social, que integrou, como nenhuma outra, um número excepcional de pessoas sintonizadas entre si, para canalizar esforços produtivos (na economia) conforme a orientação preestabelecida (SANT'ANNA, 2004, P.22).

Para Weber não apenas o estilo de vida católico jogava para outra vida a conquista da felicidade como também a culpa católica inibiria a acumulação de capital e a lógica da divisão do trabalho, motores fundamentais do desenvolvimento capitalista (NÉRI, 2005). Além disso, Weber constatou que na região do Vale do Ruhr na Alemanha, os filhos de católicos eram levados a escolher profissões humanísticas, e os filhos de protestantes, as carreiras técnicas. Como consequência, os protestantes eram mais aptos e estavam em maior número nas indústrias, empresas e no ensino superior.

Fusfeld (2003) descreve que a doutrina católica é contrária à doutrina capitalista, e este antagonismo estimulou a Reforma Protestante:

Esse dilema moral - o conflito entre a salvação e sucesso - foi um fator importante para preparar terreno para a Reforma. Era difícil a um mercador urbano acreditar que o modo de vida baseado nos negócios fosse menos correto do que os outros. Era complicado entender que a concorrência necessária para se sobreviver fosse antagônica à moral, que a procura pessoal pelo lucro, fundamental para o ganha-pão dos negociantes, não fosse aprovada por Deus² (FUSFELD, 2003, p.15).

Weber diz existir uma noção ingênua de capitalismo em todas as culturas. Para ele há algo no estilo de vida daqueles que professam o protestantismo que favorece o espírito do Capitalismo. Segundo Weber, os protestantes, que se consideram eleitos, devem

² Fusfeld (2003, p.15) descreve que dúvidas foram então levantadas. "Estariam certos os teólogos em sua pregação sobre o modo de conduta que levava à salvação? Afinal de contas, eles eram apenas seres humanos, como qualquer outros, e sujeitos aos erros humanos. O que a Bíblia dizia sobre esses assuntos? Essas questões levaram à heresia protestante - pôs em dúvida a infalibilidade da Igreja e manifestou-se o desejo de consultar diretamente a Bíblia, repositório das leis de Deus, sem a intermediação de padres."

viver em santificação na vida cotidiana, como seres vocacionados que se dedicam ao aprimoramento moral, intelectual e profissional, e o seu trabalho deve ser realizado com ética. A idéia da vocação para uma vida ética é decorrente da idéia (presente nas Escrituras) de que os homens são vocacionados, e, portanto escolhidos para a salvação.³ Aceitar essa vocação é um ato de escolha racional. Da mesma forma, a ética no trabalho deve ser fruto de um ato racional, manifesto em ações concretas como as que Benjamin Franklin propõe aos jovens trabalhadores:

Lembre-se que tempo é dinheiro... Lembre-se que crédito é dinheiro... Lembre-se que o dinheiro é de natureza prolífica e geradora... Lembre-se do ditado: o bom pagador é senhor da bolsa alheia... Nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e a justiça em todos os seus negócios... As menores ações que possam afetar o crédito devem ser levadas em conta: O som de teu martelo às cinco da manhã ou às oito da noite ouvido por um credor, te o tornará favorável por mais seis meses... Isso mostra, entre outras coisas, que estás consciente do que tens: fará com que pareças um homem tão honesto quanto cuidadoso, e isso aumentará teu crédito... Não te permitas pensar que tens de fato tudo que possuis, e viver de acordo com isso. Descobriras que pequenas e insignificantes despesas se acumulam em grandes somas... Aquele que gasta um “groat” por dia inutilmente, desperdiça mais de seis libras por ano, que seria o preço do uso de cem libras. Aquele que desperdiça o valor de um “groat” de seu tempo por dia, um após o outro, desperdiça o privilégio de usar cem libras a cada dia. Aquele que perde inutilmente o valor de cinco “shillings” de seu tempo perde cinco “shillings”, e poderia com a mesma prudência tê-los jogados ao mar. Aquele que perde cinco “shillings” não perde apenas essa soma, mas também todas as vantagens que poderia obter investindo-a em negócios, e que, durante o tempo em que um jovem se torna velho, integraria uma soma considerável (WEBER, 2004, p. 46 e 47).

O *ethos* protestante foi uma das fontes de racionalização da vida que contribuiu para formar o que Weber chama de “espírito capitalista”. Assim, o êxito no trabalho demonstra a vocação e confirma a eleição. E o trabalho deve ser executado com constante domínio de si mesmo por efeito da racionalização do comportamento individual. Para Weber, a valorização do trabalho como vocação encontra-se no cerne do espírito do capitalismo. Por isso, o trabalho deve ser executado como se fosse um fim absoluto, uma vocação. Weber (2002) descreve vocação como uma tarefa de vida, um campo definido no qual trabalhar.⁴

³ De acordo com I Timóteo 1:9 “Deus (...) nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus”.

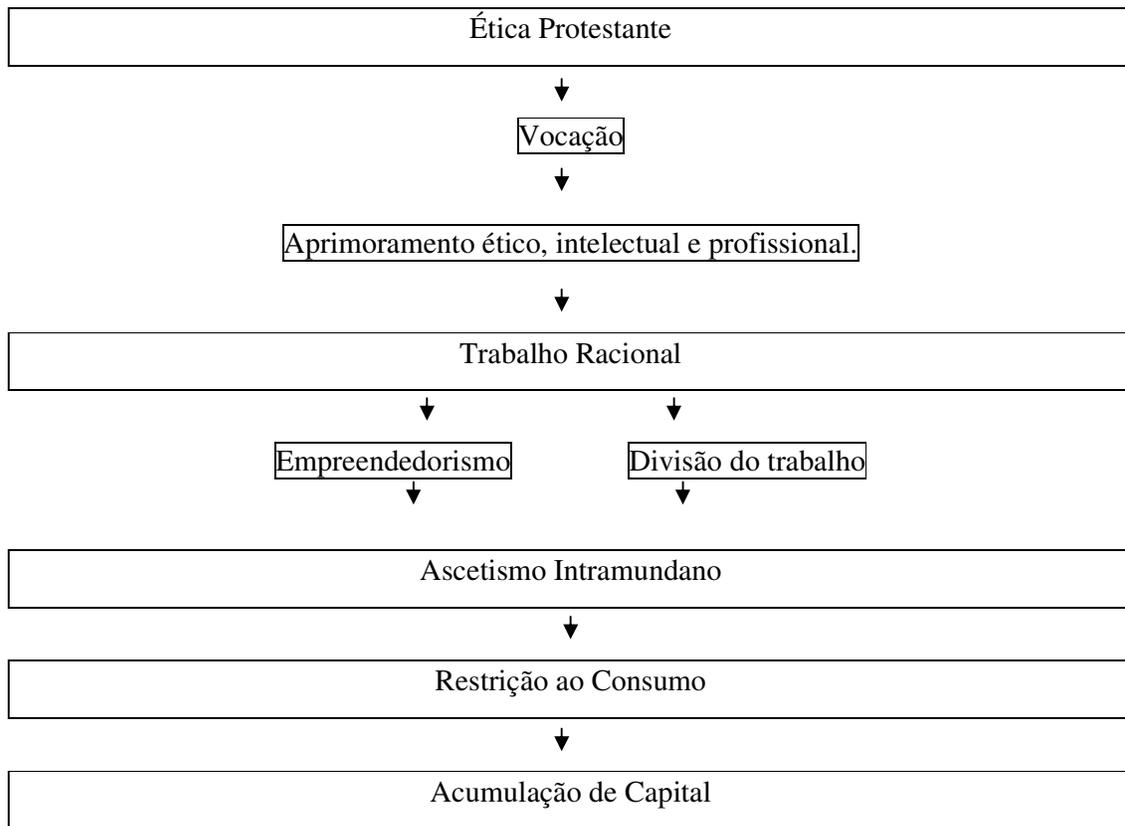
⁴ Johnson (2006) coloca que quem não tem vontade de trabalhar é porque tem falta da Graça. Que Deus não quer um trabalho em si, mas um trabalho racional baseado na vocação. De acordo com o autor todo tipo de trabalho que as pessoas fazem que melhora a missão humana de desenvolvimento cultural não é simplesmente trabalho, mas chamado de Deus. Segundo ele, o trabalho de um engenheiro civil, por exemplo, não é uma coisa ruim nem sequer neutra. É um chamado santo e espiritual de Deus e de extrema importância na realização do grande propósito de Deus para a terra. Além disso, constrói a cultura humana e fortalece a ordem social por meios santos - não existe ocupação mais nobre no plano de Deus.

Weber se refere à divisão de trabalho de Adam Smith e sua ligação com a ética protestante. Ele diz que no puritanismo a possibilidade de desenvolvimento de habilidades pessoais (vocação), leva a especialização do serviço que tem como consequência uma melhora qualitativa e quantitativa da produção.

É pertinente também analisar que segundo Weber, no protestantismo o consumo deve ser restringido, em especial o supérfluo. Ele assegura que a ética protestante leva a ter uma vida com parcimônia, afastada de prazeres mundanos e gastos supérfluos o que pode resultar em acumulação de recursos materiais. César (2007) afirma que, só por desistir de prazeres supérfluos, a renda do sujeito praticamente dobra.

A este propósito, para Weber (2004), os movimentos religiosos influenciaram o desenvolvimento da cultura material e criaram uma dinâmica que conduz à acumulação de capital (figura 1).

Figura 1 – Síntese de “A Ética Protestante”, de Max Weber.



Fonte: Elaborado pela autora.

Fullerton descreve resumidamente a relação casual entre a Ética Protestante e o Capitalismo:

O valor religioso baseado no trabalho constante, sistemático e eficiente, por iniciativa própria, como o meio mais rápido de se assegurar a salvação e de se glorificar a Deus, tornou-se um poderosíssimo instrumento de expansão econômica. As limitações rígidas ao consumo, por um lado, e, por outro, a intensificação metódica da produção só poderiam ter um resultado: a acumulação de capital (FULLERTON, 1959, p.19).

Em síntese, Weber menciona uma série de aspectos defendidos pelo protestantismo e que influenciaram o espírito capitalista como: desejo constante de melhoria financeira, a poupança, a vocação como estímulo à especialização da mão-de-obra, a eliminação da confissão como estímulo à ética, entre outros (CORREIA, 2003).

Enfim, a ambição de Weber foi compreender como os homens viveram em sociedades diversas, em funções de distintas crenças; como se dedicaram a atividades

específicas, depositando suas experiências ora neste mundo, ora em outro mundo, ora obcecados pela salvação, ora pelo crescimento econômico.

Weber quis mostrar que a conduta dos homens nas diferentes sociedades só pode ser compreendida dentro do quadro da concepção geral que esses indivíduos têm da sociedade. É preciso entender as concepções religiosas e sua interpretação para compreender a conduta do indivíduo e dos grupos e, assim, seu comportamento. Por outro lado, Weber quis provar que essas concepções religiosas são decisivas na conduta econômica e, conseqüentemente, uma das causas das alterações econômicas das sociedades.

Resumindo, o que Weber quis comprovar é que a atitude econômica pode ser orientada pelo sistema de crenças, tanto quanto o sistema de crenças pode ser comandado, num certo momento, pelo sistema econômico (ARON, 1993).

3 CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS E ASPECTOS ECONÔMICOS

3.1 INTRODUÇÃO

Segundo Bobsin (2002), o Brasil é um país de diversidade religiosa, e pode-se dizer que o fenômeno religioso do protestantismo, entre outros fatores, tem sido crescente, principalmente no contexto urbano marcado pelo pluralismo religioso e pelas crescentes exclusões.

O objetivo deste capítulo é apresentar o retrato socioeconômico dos Protestantes no Brasil e em Santa Catarina. Para efeito de comparação, além da Religião Evangélica (Tradicional e Protestante), por vezes se cita a Religião Católica (religião mais expressiva em números de adeptos no Brasil), outras religiões e os sem religião⁵.

Para tanto, este capítulo está subdividido em quatro seções:

- Na primeira seção, será abordada a distribuição das religiões no território nacional e será apresentado em que classe de renda se concentram as religiões.
- Na segunda seção, já sobre o estado de Santa Catarina, é apresentada a participação das religiões no estado. Além disso, expõem-se os dados demográficos dos seguidores do protestantismo tais como: sexo, posição na família, faixa etária, cor ou raça, pessoas portadoras de deficiência e imigração.
- Na terceira seção, mostra-se o perfil socioeconômico da religião aqui apresentada: a posição de ocupação e os setores de atividades.
- A quarta seção está direcionada para a situação espacial: situação do domicílio, tamanho da cidade e situação do setor domicílio.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DAS RELIGIÕES NO BRASIL

A composição religiosa da população brasileira foi uma das variáveis socioeconômicas que mais sofreu mudanças (NÉRI, 2005). Almeida (2004) afirma que a reconfiguração no campo religioso pode ser identificada por algumas dimensões, entre elas está a multiplicação de alternativas do dicionário de dados do IBGE, que é utilizado para a tabulação da pergunta da amostra do censo: “Qual a sua religião?”. No Censo de 1980, eram 09 respostas; no de 1991, 47 e, em 2000, foram formuladas 143 alternativas

⁵ Classificação das Religiões, vide anexo 1.

organizadas por tradições religiosas. Outra dimensão se refere à mobilidade entre as alternativas.

No Brasil (maior país católico do mundo), a religião católica continua tendo a grande maioria em número de adeptos. Mas os evangélicos vêm quebrando o paradigma desta tradição. Em 1940, os evangélicos eram apenas 2,6% da população, passando para 15,4% em 2000. Já no catolicismo, houve um significativo declínio. A Igreja Católica, que em 1872 tinha 99,72% de adeptos, e vinha perdendo espaço para as demais religiões (principalmente para os evangélicos), chegou em 1991 a 83,6% e no ano 2000, a 73,9% da população brasileira (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição da População brasileira por grupos religiosos (1940- 2000).

Faixa etária	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião	Total
1940	95,2	2,6	1,9	0,2	100
1950	93,7	3,4	2,4	0,5	100
1960	93,1	4,0	2,4	0,5	100
1970	91,8	5,8	2,3	0,8	100
1980	89,2	6,6	2,5	1,6	100
1991	83,6	9,6	2,0	4,8	100
2000	73,9	15,4	3,3	7,4	100

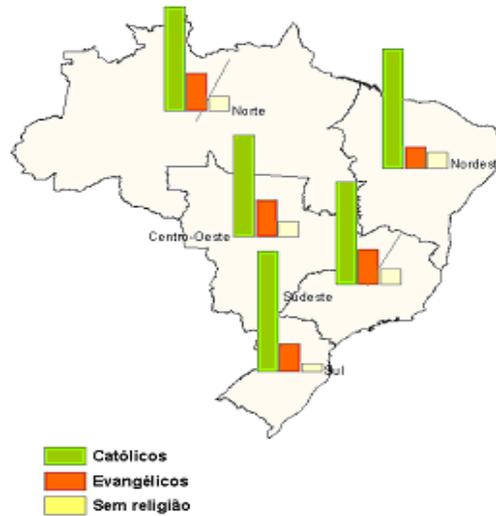
Fonte: Censos Demográficos.

Como exposto, no Brasil, uma expressiva parcela da população é católica. Entretanto, segundo Brum e Sanches (2007), ser católico no maior país católico do mundo pode ser confundido com a cultura e misturado com a história, com a ocupação do território, com o calendário de festas e de dias cívicos. Sempre foi possível ser católico e não seguir a doutrina. O batizado, o casamento religioso e o enterro católico fazem parte da formalidade de apresentação social no país, expressam diferenças de poder aquisitivo e consideração.

Almeida (2004) diz que, no Brasil, muitos costumam se declarar católicos como se estivessem se identificando como brasileiros. Ao contrário dos católicos, os evangélicos participam mais das atividades da igreja: de grupos jovens, encontro de casais, grupo de orações, ensaios musicais, festas e atividades de lazer da igreja e de trabalho social (ALMEIDA, 2007).

No país, o catolicismo está mais presente nas regiões Nordeste e Sul. A menor percentagem dos sem religião está na Região Sul, sendo que nas demais regiões, sua distribuição é equilibrada (figura 2).

Figura 2 – Religião por Regiões do Brasil

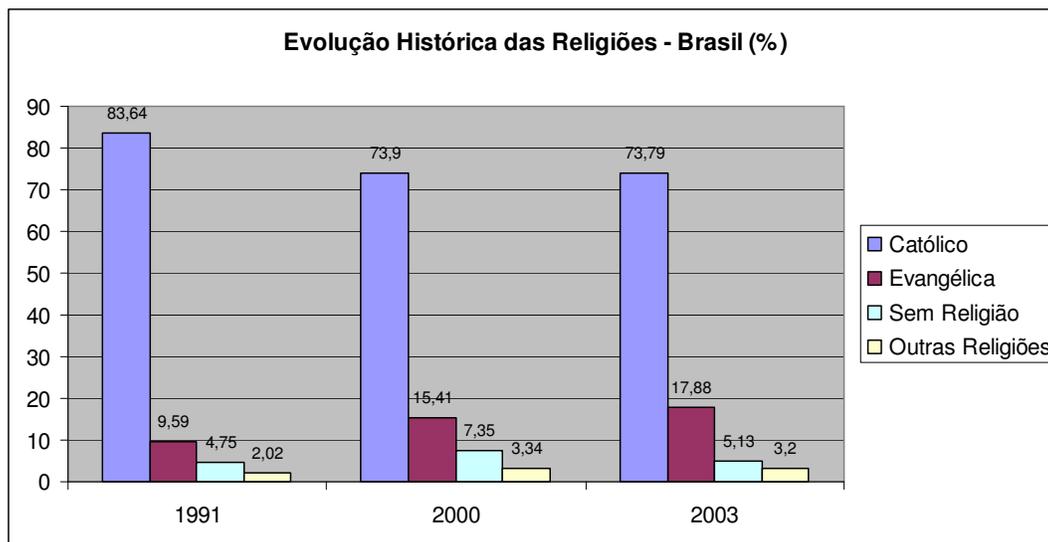


Fonte: MAI (2005).

Houve uma estagnação em 2003 no número de fiéis do catolicismo, (de 73,9% em 2000, para 73,9% em 2003). Segundo Néri (2007), não continuou a queda do catolicismo por alguns fatores como recuperação econômica dos setores mais pobres do Brasil, que teve acesso à melhoria da distribuição da renda, como, por exemplo, o Nordeste que passou a ter elevação de programas de assistência social. Outros fatores citados são: a renovação da Igreja Católica, que tentou aproximar-se mais dos fiéis e a comoção pela morte do Papa João Paulo II.

Frente a isto, a Religião Protestante segue uma trajetória de crescimento. Em 1980, os evangélicos correspondiam a 6,6% da população brasileira. Em 1991, sua participação respondia por 9,59% da população, chegando em 2003 com 17,88% da população (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução das Religiões no Brasil – (1991-2003)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Fundação Getulio Vargas.

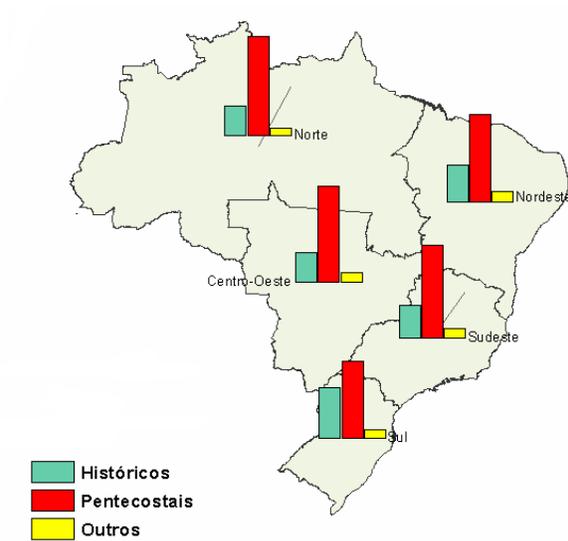
Segundo Néri (2007), a demanda por novas opções religiosas está relacionada a choques econômicos e sociais, pois via assistencialismo, há religiões que ocupam o papel do Estado, amenizando problemas de saúde e trabalho. Pode-se associar este acontecimento com o crescimento dos grupos de evangélicos chamados pentecostais. Néri afirma que a emergência desse segmento religioso se dá entre os “perdedores da crise econômica”, isto é, a população desassistida como: desempregados, vítimas de violência, moradores de favelas e trabalhadores informais. Conclui que a velha pobreza brasileira (Nordeste rural assistido por programas sociais) continua católica enquanto a nova pobreza (periferia desassistida) estaria migrando para as novas Igrejas Pentecostais.

Cumprir assinalar que os evangélicos são classificados conforme sua origem doutrinária. Para este estudo, serão usados os termos evangélico e/ou protestante a fim de possibilitar a utilização dos dados levantados pelo censo do IBGE e pela Fundação Getúlio Vargas.

O Brasil apresenta um perfil evangélico de maioria pentecostal com, aproximadamente, 70% dos evangélicos pertencentes a essa linha doutrinária e 30% à linha histórica⁶ (Figura 3).

⁶ Evangélicos históricos e pentecostais: De acordo com a classificação do IBGE, os evangélicos de origem histórica incluem: Batistas, Presbiterianos, Luteranos, Metodistas e outros. Os evangélicos de origem pentecostal incluem: Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, do Evangelho Quadrangular e outras.

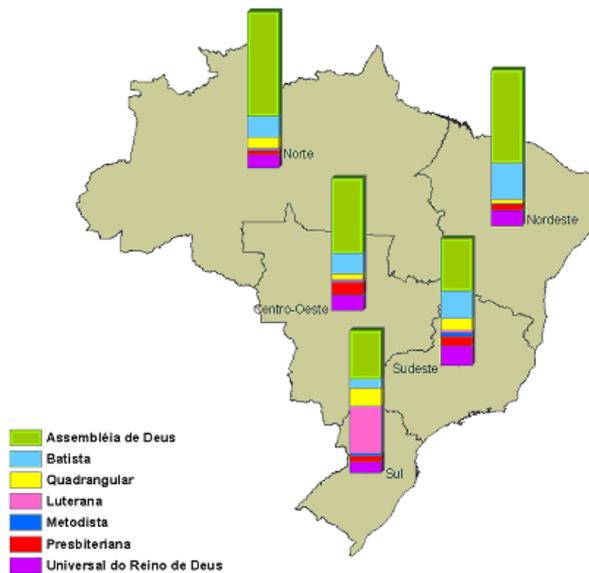
Figura 3 – Brasil- Classificação dos evangélicos quanto à doutrina (2000).



Fonte: MAI (2005).

Quanto às denominações Evangélicas, por região predominam: Assembléia de Deus na Região Norte, Batista na Região Nordeste, Presbiteriana na Região Centro-Oeste, Quadrangular e Luterana na Região Sul e Universal do Reino de Deus na Região Sudeste (Figura 4).

Figura 4 - Descrição das Igrejas evangélicas mais representativas, por região.



Fonte: MAI (2005).

Nesta seção, será subdivida a Igreja Evangélica Pentecostal da Tradicional para fins de comparação. No Brasil, a Classe E se apresenta como a menos religiosa de todas as classes com 6,33% da população do país. À medida que a renda aumenta diminui o número dos sem religião até a Classe B2 onde atinge 4,15% da população. O catolicismo se faz presente nos níveis extremos do aspecto de renda 78,14% na Classe E e 77,57% na Classe A1. Na faixa de renda A1, verifica-se, ainda, pequena centralização de evangélicos, tanto os pentecostais quanto os tradicionais. Na Classe C e D vê-se maior concentração, proporcionalmente ao número de fiéis, dos evangélicos pentecostais. As pessoas de renda maior buscam mais outras religiões (Tabela 2).

Tabela 2 – Renda familiar por classes sociais e religião (% em 2000)

Classe	Renda Média	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras	Sem Religião	Total
A1	Acima de 45 salários mínimos/mês	77,57	3,48	3,19	7,47	5,02	100
A2	Entre 25 e 45 salários mínimos/mês	72,18	6,42	8,72	6,09	5,32	100
B1	Entre 15 e 25 salários mínimos/mês	74,61	6,9	5,87	6,77	4,98	100
B2	Entre 10 e 15 salários mínimos/mês	73,91	11,01	6,67	3,42	4,15	100
C	Entre 4 e 10 salários mínimos/mês	71,36	13,83	6,85	2,86	4,61	100
D	Entre 2 e 4 salários mínimos/mês	73,26	14,94	4,52	1,73	5,23	100
E	Até 2 salários mínimos/mês	78,14	10,89	3,24	1,09	6,33	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Como visto, para Néri (2005), o crescimento dos Evangélicos, destacando aqui as denominações chamadas pentecostais, se relaciona à instabilidade econômica. A Igreja substitui o Estado, através do dízimo e doações, na arrecadação de impostos e provê os serviços públicos para a comunidade.

Almeida e D'Andréa, (2004) constataram, a partir de pesquisa etnográfica, que os vínculos, sejam de parentesco, de vizinhança, entre conterrâneos, com instituições religiosas e do Terceiro Setor⁷, constituem redes sociais que contribuem para promover a integração socioeconômica dos membros de certa comunidade, suavizando a sua condição

⁷ Terceiro Setor é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, que tem como objetivo gerar serviços de caráter público. Com a falência do Estado, o setor privado começou a *ajudar* nas questões sociais, através das inúmeras instituições que compõem o chamado Terceiro Setor. Sendo que o primeiro setor é o governo, que é o responsável pelas questões sociais e o Segundo Setor é o privado, responsável pelas questões individuais (KANITZ, 2001).

de vulnerabilidade. Os autores afirmam que as redes evangélicas trabalham em favor das relações pessoais, gerando aumento da auto-estima e impulso empreendedor no indivíduo, mas também promovem a ajuda mútua por meio de confiança e fidelidade. Nos templos há trocas que envolvem dinheiro, alimentos, recomendações de trabalhos, informações, etc.

As outras religiões estão presentes principalmente na classe A1, com 7,47% diminuindo a participação sucessivamente em direção à Classe E, onde sua participação é de apenas 1,09%.

Em outras religiões, muitas vezes acontece a motivação pelo princípio religioso de caridade como meio de evolução espiritual, como os kardecistas, por exemplo, que realizam nas áreas pobres da cidade uma intensa ação filantrópica, a qual não se caracteriza pelo proselitismo, mas pela participação voluntária em programas sociais. Na verdade, a rede kardecista se sobrepôs ao crescente movimento voluntariado no país durante a última década. Os dados censitários revelam que, dentre os principais grupos religiosos no Brasil, eles são os mais escolarizados e de maior renda, residindo, portanto, nas áreas mais privilegiadas das cidades (ALMEIDA e D'ANDREA, 2004).

3.3 DADOS DEMOGRÁFICOS DOS PROTESTANTES EM SANTA CATARINA

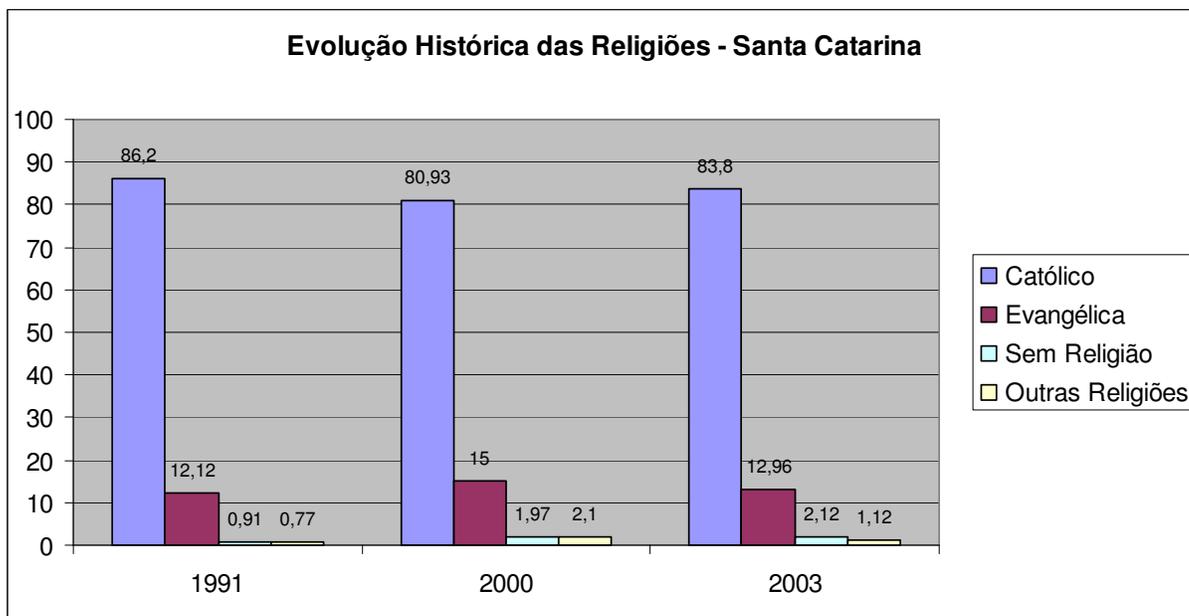
Conforme visto, no Brasil, a proporção de evangélicos cresceu de maneira expressiva e constante no período de 1991 a 2003. Em Santa Catarina, houve crescimento até 2000. Entretanto no período de 2000 a 2003, o resultado foi diferente, já que no período houve um declínio. No Estado, no ano de 1991, 12,12% da população professavam a religião evangélica, havendo um crescimento no ano de 2000 de 15% e uma queda em 2003 de 12,96% (Veja a tabela 3 e o gráfico 2).

Tabela 3 – Comparação da evolução das Religiões em Santa Catarina e no Brasil (% em 1991-2003)

Categoria	Ano	Católica	Evangélica	Outras Religiões	Sem Religião	Total
Santa Catarina	1991	86,2	12,12	0,77	0,91	100
	2000	80,93	15,00	2,1	1,97	100
	2003	83,8	12,96	1,12	2,12	100
Brasil	1991	83,64	9,59	2,02	4,75	100
	2000	73,9	15,41	3,34	7,35	100
	2003	73,79	17,88	3,2	5,13	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Gráfico 2 – Evolução Histórica das Religiões em Santa Catarina



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Em Santa Catarina, segundo o Censo Demográfico 2000, dos 5.324.234 habitantes, 80,93% pertenciam à Religião Católica. O estado é mais católico do que a média brasileira. Já os Evangélicos, em proporção semelhante ao Brasil, correspondiam, a 15%. A grande diferença se percebe no grupo sem religião, que é de apenas 1,97% da população. O Estado Catarinense é o que representa menor percentual, no Brasil, deste grupo que representa 7,4% da população brasileira.

Quanto ao sexo, a Evolução política e econômica do século XX trouxe ao gênero feminino novas opções. Com o desenvolvimento da urbanização e o avanço do processo industrial a partir dos anos 30, a mulher passou a compor o mercado produtivo. Posteriormente, tornou-se mão-de-obra especializada ocupando espaços monopolizados profissionalmente por homens. A manutenção do sistema instituído é garantida através de um discurso embasado em preceitos bíblicos (ECKER, 2002). Kudzielicz (1970), afirma que, no tempo do paganismo, a mulher era objeto, mercadoria, sem direito algum. Foi o cristianismo que a honrou, conferindo-lhe a posição de igualdade com o homem.

Segundo o Censo 2000, no Brasil, a predominância de mulheres, num grupo de 50 religiões, se dá em 43 delas, incluindo a religião protestante. Talvez possa se explicar tal situação associando-a ao reconhecimento de outras formas de opressão além das de

caráter econômico que associa o protestantismo com “aflição”, não só dos pobres, mas também dos negros, desempregados, homossexuais, alcoólatras e mulheres (MACHADO, 1996).

Segundo Machado (1996), o gênero feminino parece mais suscetível às experiências religiosas convertendo-se primeiro e independente de seus maridos. Por isso as mulheres optam mais intensamente que os homens por religiões diferentes do catolicismo, como o protestantismo. Para Campos (1999), psicologicamente a sedução do sagrado se explica através da emotividade feminina. A posição inferior conferida às mulheres na sociedade brasileira as impulsiona em busca da valorização numa comunidade de iguais e onde possam se expressar com mais liberdade. Acrescenta que as mulheres vivenciam com mais intensidade as contradições da sociedade e os seus efeitos sobre a família. Para as mulheres latino-americanas, por exemplo, ter um lar saudável, seguro e próspero é um elemento fundamental para se ter uma vida tranqüila. Explica-se então a integração delas a uma comunidade religiosa: para possibilitar a realização do seu sonho.

Acrescenta Machado (2005) que as mulheres buscam mais intensamente os grupos evangélicos, pois se sentem como guardiãs da alma dos integrantes da família. Já para os homens, o protestantismo combate a identidade masculina que é predominante na sociedade brasileira. A autora diz que a religião estimula os homens a serem dóceis, tolerantes, preocupados com o bem-estar da família, se dedicando ao acompanhamento dos filhos e à sua educação, levando uma vida ascética regida por uma moral sexual rígida.

Em Santa Catarina, os homens católicos correspondem a 50,2% da religião no Estado. Na religião protestante e em outras religiões, as mulheres são maiorias, com 52,7% e 54,9% respectivamente. A diferença está nos sem religião em que as mulheres correspondem a apenas 39,2% da classificação (Tabela 4).

Tabela 4 – Religião quanto ao sexo em Santa Catarina (2000)

Sexo	Católico % da Religião	Evangélico % da Religião	Outras % da Religião	Sem Religião % da Religião
Masculino	50,2	47,3	45,1	60,8
Feminino	49,8	52,7	54,9	39,2
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Houve mudanças no padrão familiar no Brasil, com destaque para a crise no modelo de família patriarcal. Alguns fatores para essas mudanças são: chefia feminina das famílias, queda nas taxas de fecundidade, aumento no número de separações, incremento do nível educacional das mulheres e sua maior participação em atividades remuneradas. Portanto, há redefinição dos papéis de gênero e do surgimento de novos arranjos familiares (MACHADO, 1996).

A dissolução conjugal muitas vezes leva a mulher a assumir a liderança da família. Na religião católica de Santa Catarina, o chefe representa 29,9% enquanto o cônjuge 22,8%. Já na religião evangélica, a diferença diminui, sendo 28,8% chefe de família e 24,5% cônjuge. O percentual é mais acentuado nos sem religião, situação em que o chefe corresponde a 34,9% e o cônjuge, 14,7%. Em outras religiões, os percentuais também são desiguais com 31,2% para chefe e para o cônjuge, 23,4%. Além disso, observa-se que nas outras religiões é menor o número de filhos, e os sem religião os têm mais que nas outras classificações de religiões (Tabela 5).

Tabela 5 – Posição na Família por Religião, em Santa Catarina (2000)

Posição na Família	Católico % da religião	Evangélico % da religião	Outras % da religião	Sem Religião % da religião
Chefe	29,9	28,8	31,2	34,9
Cônjuge	22,8	24,5	23,4	14,7
Filho(a)	42,6	42,0	40,7	44,2
Paí, mãe, sogro(a)	1,0	1,3	0,9	0,4
Neto(a)	1,6	1,6	1,6	2,1
Irmão, irmã	0,8	0,5	0,8	1,2
Outro parente	1,1	1,1	1,1	1,7
Agregado	0,2	0,2	0,4	0,7
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Segundo Brito (2007), as famílias chefiadas por homem têm rendimento 21% do que as mantidas por mulheres, R\$ 1.900 contra R\$ 1.573, respectivamente. Já as pessoas divorciadas ou separadas judicialmente são as que mais trocam de religião no país. Entre os divorciados, 52% mudaram de credo e, entre os separados judicialmente, 35% o fizeram. Esta mudança acontece porque para a Igreja Católica o matrimônio é indissolúvel. Como o catolicismo não concede a bênção para um segundo casamento, em situações em que não há como manter a união, o fiel acaba procurando outra religião que conceda a bênção, devido à negação da igreja (MIRACELLY,2006).

Outro dado importante é sobre a faixa etária por religião. A religiosidade varia ao longo da vida das pessoas, mas, na maioria, aumenta com o passar do tempo. Em Santa Catarina, observa-se uma concentração de evangélicos nos extremos das idades, ou seja, abaixo de 14 anos e acima de 50 anos de idade (Tabela 6).

Tabela 6 – Faixa Etária por Religião, em Santa Catarina (2000)

Faixa etária	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião	Total
	% da população				
0 a 4	79,9	15,7	1,9	2,5	100
5 a 9	80,4	16,1	2,0	1,6	100
10 a 14	81,2	15,4	2,0	1,4	100
15 a 19	81,3	14,1	2,1	2,6	100
20 a 24	81,2	14,0	2,0	2,8	100
25 a 29	80,7	14,5	2,3	2,5	100
30 a 35	81,4	14,2	2,2	2,1	100
36 a 39	81,2	14,4	2,6	1,9	100
40 a 44	81,6	14,2	2,4	1,8	100
45 a 49	81,6	14,4	2,4	1,6	100
50 a 54	81,0	15,5	2,2	1,4	100
55 a 59	80,9	16,0	1,9	1,3	100
60 ou mais	80,2	17,0	1,9	0,9	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Para o Censo, definiram-se as categorias para a pessoa se classificar quanto à característica cor ou raça: branca, preta, amarela (compreendendo-se nesta categoria a pessoa que se declarou de raça amarela), parda (incluindo-se nesta categoria a pessoa que se declarou mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça) e indígena (considerando-se nesta categoria a pessoa que se declarou indígena ou índia).

Em Santa Catarina, 81,4% da população branca é católica. Já a concentração de negros é menor no catolicismo em relação às outras religiões. Os negros são 77,3% na religião católica e a população da religião corresponde a 80,93% no estado. César, (2007, p.2) diz que “a renda é mais alta e a pele é mais clara onde moram católicos”. Para Campos (1999), as diferentes religiões oferecem experiências que ajudam a superar o sentimento de baixa estima, exclusão, insegurança e medo gerado por uma extrema privação material que pode ser agravado pelo racismo.

Observa-se, em Santa Catarina, que 16,8% da população negra é evangélica. Nascer negro no Brasil está relacionado a uma maior probabilidade de crescer pobre. Os principais determinantes da pobreza observada no Brasil estão associados à desigualdade

na distribuição de recursos e não a sua escassez. O Brasil não pode, em termos absolutos, ser considerado um país pobre, mas deve ser considerado um país extremamente injusto. A população negra concentra-se no segmento de menor renda per capita da distribuição de renda do país. A pobreza não está “democraticamente” distribuída entre as raças. Os negros encontram-se representados na pobreza e na indigência, considerados tanto na distribuição etária, como na regional e na estrutura do gênero (HENRIQUES, 2001).

Em Santa Catarina, 26% da população indígena é evangélica (Tabela 7). Bortoloti (2007) afirma que os índios brasileiros estão se tornando evangélicos. Segundo ele, os evangélicos estão presentes em 153 das 222 tribos indígenas do país, enquanto os católicos em apenas 107. No censo de 2000, 20% dos índios brasileiros se declararam evangélicos, sendo que em 1991 eles eram 7,7%. Entre eles, os que mais cresceram foram os pentecostais, de 7,7% para 11,9%.

Tabela 7 – Cor ou Raça das Religiões em Santa Catarina (2000).

Cor ou raça	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião	Total
	% da população				
Branca	81,4	14,7	2,1	1,8	100
Preta	77,3	16,8	2,8	3,0	100
Amarela	73,2	10,4	9,3	7,2	100
Parda	78,0	17,2	1,9	2,9	100
Indígena	65,4	26,0	3,0	5,6	100
Ignorado	74,4	16,2	7,2	2,2	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) não concede autorização aos missionários para entrarem em terras indígenas para que nelas usos e costumes sejam preservados. O órgão chegou a retirar missionários de algumas aldeias, mas os próprios índios os aceitam e defendem. Além disso, os evangélicos priorizam a tradução da Bíblia para a língua dos índios. Já o fizeram para 34 idiomas indígenas e há outras 54 traduções em andamento. Enquanto isso, não existe registro de tradução católica (BORTOLOTTI, 2007).

Segundo Brito (2007), a cor ou raça da pessoa é um determinante do rendimento das famílias. No Brasil, a POF 2002-2003⁸ mostra que famílias chefiadas por brancos possuem um rendimento médio de R\$ 2.282, contra R\$ 1.264 das mantidas por negros e R\$ 1.242 das sustentadas por pardos.

O Censo de 2000, do IBGE considera a pessoa portadora de deficiência, como aquela que tem:

Existência de deficiência mental permanente que limite as atividades habituais, como trabalhar, ir à escola, brincar, entre outras; avaliação da capacidade de enxergar, de ouvir; de caminhar e subir escadas; a existência de alguma deficiência física, como paralisia permanente total, paralisia permanente das pernas, paralisia permanente de um dos lados do corpo e falta de alguma das seguintes partes do corpo: perna, braço, mão, pé ou dedo polegar (IBGE, 2000).

Em Santa Catarina, a Religião Evangélica é a que apresenta, proporcionalmente, o maior número de pessoas portadoras de deficiência no seu rol de membros, com 15,2% do seu total (Tabela 8).

Tabela 8 – Pessoas Portadoras de Deficiência por Religião, em Santa Catarina (2000).

Pessoas Portadoras de Deficiência	Católico % da religião	Evangélico % da religião	Outras % da religião	Sem Religião % da religião
Sim	14,1	15,2	13,7	13,0
Não	85,9	84,8	86,3	86,9
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

O motivo principal do maior número de deficientes no protestantismo pode ser pelo fato da igreja evangélica ter buscado a inserção e inclusão de deficientes, através de ensinamento de LIBRAS (língua brasileira dos sinais), tradução da Bíblia em braile, rampas para acesso em seus templos, entre outros.

O ministério com deficientes da Igreja busca:

A luta pela salvação de vidas, a inclusão dos deficientes na igreja (preocupação da igreja), a inclusão dos deficientes na família, tirá-los da solidão, própria deles, lutar contra a discriminação (classe social, cor, econômica, etc), trabalhar a autoestima dos deficientes (IGREJA CRISTÃ MARANATA, 2008).

⁸ POF 2002-2003: A Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE analisa a composição dos gastos e do consumo das famílias segundo as classes de rendimento, entre julho de 2002 e julho de 2003 e permite verificar, na comparação com as pesquisas anteriores, algumas mudanças expressivas nas despesas e nos hábitos dos brasileiros.

Sobre a migração, segundo Gomes e Catalão (2006), a religião e a migração estão estritamente vinculadas, ao longo da história da humanidade. A difusão das igrejas protestantes, por exemplo, associam-se às migrações missionárias para difusão da fé e implantação de novos templos.

Os autores dizem que quando os migrantes chegam a novas áreas tendem a reter sua filiação religiosa. Porém, para Almeida (2005), a migração pode interferir na opção de mudança religiosa quando as condições de vida do recém-chegado à cidade são precárias. O protestantismo tem-se expandido ao longo dos séculos, em grande parte, graças à população migrante. A religião, para estes, serve, entre outros, para estabelecer relações sociais com a nova comunidade onde ele se estabelece (GOMES e CATALÃO, 2006).

Observa-se que 18,9% da população com menos de um ano de migração estão nas igrejas protestantes, sendo que a população dos mesmos é de 15% no estado. Isto acontece, pois, com as correntes migratórias, a pessoa é conquistada pelas novas religiões (diferentes da católica com 74,7% dos imigrantes com menos de um ano). O migrante chega às periferias das grandes cidades e não encontra mais o suporte da Igreja Católica. As igrejas evangélicas foram mais ágeis ao se instalarem nas periferias e conseguiram conquistar os migrantes que chegavam com poucos recursos aos grandes centros urbanos (Waniez, 2003) (Tabela 9).

Tabela 9 – Imigração por religião em Santa Catarina (2000)

Imigração Município	- Religião				Total % da população
	Católico % da população	Evangélico % da população	Outras % da população	Sem Religião % da população	
Menos de 1 ano	74,7	18,9	2,8	3,5	100
De 1 a 5 anos	77,1	16,8	3,2	3,0	100
De 6 a 10 anos	78,6	16,1	2,7	2,7	100
Mais de 10 anos	81,6	14,6	2,2	1,7	100
Não migrou	81,9	14,6	1,8	1,7	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Para César (2007), com a urbanização, o migrante rural e católico vai para a periferia cada vez mais pentecostal das grandes cidades. Em bairros muito pobres onde não existe a presença do Estado, o recém-chegado é católico, mas ao perder o vínculo com a família e as tradições, apega-se à igreja que lhe oferece apoio social imediato.

Almeida e D'Andrea (2004) falam sobre a existência de redes familiares construídas ao longo do processo migratório como núcleo duro de um corpo mais amplo de

fiéis. Os templos evangélicos abrigam cada vez mais uma densa rede de relações que atrai pessoas em situação de vulnerabilidade como, por exemplo, os migrantes nordestinos em São Paulo. Concluem: a migração influi na mudança religiosa, visto que os nordestinos são predominantemente católicos no Nordeste e tendem a ser evangélicos no Sudeste.

Pode-se observar que os católicos são, em sua maioria, naturais de Santa Catarina e que migraram há mais de dez anos (Tabela 10).

Tabela 10 – Religião por imigração nos Municípios Catarinenses. (2000)

Imigração Município	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião
	% da religião	% da religião	% da religião	% da religião
Menos de 1 ano	1,9	2,6	2,8	3,7
De 1 a 5 anos	10,7	12,5	16,6	17,1
De 6 a 10 anos	7,3	8,0	9,4	10,3
Mais de 10 anos	20,5	19,7	21,1	17,2
Não migrou	59,7	57,2	50,0	51,7
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

3.4 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PROTESTANTES DE SANTA CATARINA

Em Santa Catarina, os “sem religião” estão na situação “desempregado” em maior número - aproximadamente 10% contra 6,7% da religião evangélica, 6,1% da católica e 7,8% de outras religiões. A concentração católica (2,5%) e principalmente evangélica (1,6%) no funcionalismo público é menor do que sem religião (3,7%) e de outras religiões (4,1%).

As demais ocupações seguem as características produtivas do estado, encontrando-se, respectivamente, os inativos⁹ (que estão mais representados nos evangélicos com 42,2%, nas outras religiões com 39,3%, católicos com 38,3% e sem religião com 32,8%, respectivamente), empregado com carteira, trabalhador por conta própria, empregado sem carteira e desempregado. Os não remunerados¹⁰ são, em sua maioria, católicos (3,9%) e evangélicos (3,2%) (Tabela 11).

⁹ Inativos: Segundo IBGE são as crianças, os adolescentes e os idosos.

¹⁰ Trabalhador não-remunerado: Pessoa que trabalhava sem remuneração, durante pelo menos uma hora na semana, como aprendiz ou estagiário ou em ajuda à instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo (IBGE,2000).

Tabela 11 – Posição na Ocupação por religião em Santa Catarina (2000)

Posição na Ocupação	Católico % da religião	Evangélico % da religião	Outras % da religião	Sem Religião % da religião
Desempregado	6,1	6,7	7,8	10,3
Inativo	38,3	42,2	39,3	32,8
Funcionário Público	2,5	1,6	4,1	3,7
Empregado com carteira	24,0	22,0	23,1	23,5
Empregado sem carteira	8,9	8,8	8,8	11,4
Conta-própria	13,3	12,9	12,8	14,8
Empregador	2,1	1,7	2,7	2,6
Não-remunerado	3,9	3,2	1,2	0,6
Próprio consumo ¹¹	0,9	0,9	0,2	0,3
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Deixando de lado o elevado número de inativos em todas as religiões - em torno de 30% a 40%), os católicos e evangélicos catarinenses estão empregados nos seguintes setores: O setor terciário, secundário e primário (maior participação dos católicos com 11,3% seguido pelos evangélicos com 9,2%).

Já outras religiões e os sem religião são predominantes nos seguintes setores, ordenadamente: terciário (com grandes representações de 31,7% e 30,7%, respectivamente), secundário e desempregados (Tabela 12).

Tabela 12 – Setor de Atividade por religião em Santa Catarina (2000)

Setor de Atividade	Católico % da religião	Evangélico % da religião	Outras % da religião	Sem Religião % da religião
Agrícola	11,3	9,2	2,3	3,7
Indústria	12,5	13,0	9,1	9,3
Construção	3,7	3,7	2,5	6,1
Setor Público	4,1	2,8	6,3	6,2
Serviços	23,4	21,7	31,7	30,7
Mal especificado	0,6	0,6	0,8	0,9
Desempregados	6,1	6,7	7,8	10,3
Inativos	38,3	42,2	39,3	32,8
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

¹¹ Produção para o próprio consumo: Pessoa que trabalhava, durante pelo menos uma hora na semana, na produção de bens do ramo, que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura, para a própria alimentação de, pelo menos, um membro da unidade domiciliar (IBGE, 2000).

3.5 SITUAÇÃO ESPACIAL EM SANTA CATARINA

Na Tabela 13 observa-se que mais de 90% dos adeptos de outras religiões e os “sem religião” concentram-se na área urbanizada. Nas áreas rurais exclusive Aglomerado rural, onde não se atende a nenhum critério de aglomeração ou existência de serviços, encontram-se maior concentração de católicos (21,8%), seguido pelos evangélicos (17,5%), e inexpressivamente pelos sem religião (6,2%) e por outras (5,4%).

Tabela 13 – Situação do Domicílio por religião em Santa Catarina (2000)

Situação do Domicílio*	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião
	% da religião	% da religião	% da religião	% da religião
Área urbanizada	73,9	76,8	92,4	90,5
Área não urbanizada	2,4	2,8	1,3	1,6
Área urbanizada isolada	1,1	1,8	0,6	1,0
Área rural de extensão urbana	0,4	0,6	0,2	0,4
Aglomerado rural (povoado)	0,3	0,3	0,1	0,2
Aglomerado rural (núcleo)	0,1	0,1	0,0	0,0
Aglomerado rural (outros)	0,0	0,0	0,0	0,1
Área rural exclusive Aglomerado rural	21,8	17,5	5,4	6,2
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

* Vide anexo 02

Verifica-se abaixo o tamanho das cidades de Santa Catarina nas escolhas religiosas. Consideram-se a área rural, as cidades pequenas (até 20 mil habitantes), médias (de 20 mil habitantes a 100 mil) e as grandes (acima de 100 mil habitantes – mas não metropolitanas), as capitais e periferias metropolitanas.

Em Santa Catarina, 87,7% da população rural é católica e 84,2% do Urbano pequeno também o é. Na Periferia – Religião Metropolitana, 18,7% são evangélicos. A grande concentração das outras religiões e dos sem religião encontra-se na Capital - Região Metropolitana (Tabela 14).

Tabela 14 – Situação do domicílio nas cidades Catarinenses por religião (2000)

Situação do Domicílio ¹²	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião	Total
	% da população				
Capital - Região Metropolitana	75,7	9,7	7,2	7,4	100
Periferia - Região Metropolitana	77,6	18,7	2,0	1,7	100
Urbano Grande	79,4	15,1	3,1	2,5	100
Urbano Médio	81,8	13,9	2,2	2,1	100
Urbano Pequeno	84,2	13,6	1,0	1,2	100
Rural	87,7	11,3	0,5	0,6	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Se observar os mesmos dados para verificar a moradia dos adeptos de cada religião, pode-se observar a grande diferença na capital - Região Metropolitana de católicos e evangélicos (5,9% e 4,1%, respectivamente) contra 21,6% e 24% das outras religiões e dos sem religiões que estão bem concentrados nessa localidade (Tabela 15).

Tabela 15 – Distribuição das religiões por situação de domicílio nas cidades Catarinenses (2000)

Situação do Domicílio	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião
	% da religião	% da religião	% da religião	% da religião
Capital - Região Metropolitana	5,9	4,1	21,6	24,0
Periferia - Região Metropolitana	34,7	45,0	34,8	31,0
Urbano Grande	10,7	10,9	15,6	14,1
Urbano Médio	17,2	15,7	17,9	18,1
Urbano Pequeno	13,7	11,9	6,1	8,1
Rural	17,8	12,3	4,1	4,6
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Quanto ao aglomerado subnormal, este corresponde às piores condições de moradia como as favelas. Pode-se observar que há uma presença significativa de evangélicos nestas áreas em Santa Catarina (31,8% do aglomerado). Este fato se associa segundo Novaes (2005), à tese de que os evangélicos procuram estar em setores sociais marcados pela pobreza e desigualdades, locais marginalizados e em espaço de proliferação do crime e da miséria. Os católicos representam 62,0% dos aglomerados subnormais.

¹² Situação do Domicílio: Vide anexo 2 a descrição da situação dos setores censitários

Segundo César (2007), no Brasil, observa-se o predomínio de evangélicos em bairros mais pobres, enquanto nas regiões centrais prevalecem os católicos romanos.

Diferentemente do que acontece no país como um todo, nas penitenciárias catarinenses há poucos evangélicos. Pelos dados, 8,2% dos detentos o são, abaixo, portanto dos 15% de evangélicos no total da população. Novaes (2005) descreve que no país se observa um distanciamento da sociedade em relação à realidade prisional, com exceção dos grupos evangélicos que vêem os presos como um campo fértil a suas tarefas de conversão e evangelização. Estas entidades religiosas visitam os presos ajudando a amenizar as carências materiais e afetivas dos presos e até de seus familiares. Nos asilos catarinenses, 28,4% se declaram evangélicos. Nas penitenciárias, é expressivo o número de católicos. (Tabela 16).

Tabela 16 – Situação do Setor Domicílio¹³ por religião em Santa Catarina (2000)

Situação do Setor Domicílio	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião	Total
	% da população	% da população	% da população	% da população	% da população
Não especial	80,9	15,0	2,1	2,0	100
Aglomerado subnormal	62,0	31,8	1,9	4,3	100
Quartel	77,3	18,7	2,1	2,0	100
Aldeia indígena	60,6	33,9	0,0	5,5	100
Penitenciária	84,3	8,2	1,6	5,9	100
Asilo	66,2	28,4	4,6	0,8	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

¹³ Situação do Setor Domicílio: A Classificação segundo a natureza dos domicílios que compõem um setor se divide em: Não especial: setor comum, sem característica especial; Aglomerado subnormal: conjunto (favelas e assemelhados) constituído por unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando, ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, e carente, em sua maioria, de serviços públicos essenciais; Quartel: setor especial de quartéis, bases militares etc.; Aldeia indígena: setor especial de áreas, colônias, reservas, parques e terras indígenas; Penitenciária: setor especial de penitenciárias, colônias penais, presídios, cadeias etc. Asilo: setor especial de asilos, orfanatos, conventos, hospitais etc.

4 RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E RENDA.

4.1 INTRODUÇÃO

Shwambach (2005) afirma que as instituições religiosas podem desenvolver um papel educativo importante. O objetivo deste capítulo é apresentar os níveis de educação e renda das religiões Catarinenses para se verificar a correlação existente entre esses fatores.

Para tanto, este capítulo está subdividido em quatro seções:

- Na primeira seção, serão abordados, teoricamente, o Protestantismo e a Educação brasileira, em Santa Catarina e em sua capital.
- Na segunda seção, a opção religiosa das mulheres e o efeito que esse aspecto tem sobre a escolaridade dos filhos.
- Na terceira seção, verificam-se os anos de estudo por religião em Santa Catarina.
- A quarta seção está direcionada para Renda por Religião e conclusão final.

4.2 PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Segundo Castro, em *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith, tem-se a primeira menção escrita da educação como uma ferramenta para expandir a produtividade. A partir daí, a educação é tratada como capital. Os principais autores da moderna teoria do capital humano são: Jacob Mincer, Theodore Schultz e Gary Becker. A idéia principal da teoria é que o trabalho é mais um dos fatores de produção. Quanto maior a qualidade, mais produtivo é o capital humano. No Brasil, a partir de 1960, apareceram estudos dedicados a estimar os retornos com investimento em educação. Sabe-se então que, quanto maior a escolaridade do indivíduo, maior a probabilidade de receber salários mais elevados. No Brasil, cada ano adicional de estudo representa, em média, acréscimo de 10% na renda. E esse retorno está entre os mais altos do mundo (CASTRO, 2006). Tudo indica que a baixa escolaridade da população seja um dos principais motivos do limitado crescimento no Brasil:

A sociedade, corretamente, valoriza os méritos da educação como ferramenta para a produtividade e como mecanismo de mobilidade social. Diante disso, vão sendo forjados filtros que selecionam as pessoas em função do seu capital humano. Mas esses mesmos filtros que premiam aqueles que têm mais escolaridade punem os que não têm. Portanto, a educação tanto é um fator de mobilidade - para os que a têm - quanto de exclusão para os que não a têm (CASTRO 2006 p.132).

Quanto mais pobre é a família, menor é o investimento em capital humano. Como a educação determina fortemente o grau de pobreza, há uma transmissão intergeracional da pobreza, ou seja, os indivíduos nascidos em famílias pobres hoje tenderão a ser os pobres de amanhã, devido à escolaridade inferior. A escolaridade dos pais, em particular a da mãe é a mais importante para determinar o desempenho educacional do indivíduo (BARROS, 2001).

Câmara (2003) diz que havia uma diferença entre o pensamento católico e o protestante quanto ao projeto de civilização do Brasil no século XX. Os católicos acreditavam que a Igreja era a mola propulsora da reforma na sociedade. Já os protestantes entendiam que o catolicismo era o responsável pelo atraso em que o país vivia no começo do século, trazendo para o Brasil o modelo americano de educação.

Almeida (2007), diz que é possível detectar com clareza a grande diferença entre a escolarização dos países de matriz protestante em contraste com países que originalmente adotaram o catolicismo como religião oficial. Ele afirma que o problema do Brasil é a dificuldade de se livrar da herança católica no que diz respeito a pouca, ou nenhuma valorização da educação como algo universal. Moog (2006) diz que a herança colonizadora religiosa e cultural do Brasil explicaria o seu atraso.

Segundo Hack (1985), os evangélicos firmaram o propósito de difundir no Brasil, não somente a pregação do evangelho, mas também a propagação das escolas. O trabalho dos missionários tornara-se muito lento e infrutífero por causa do analfabetismo brasileiro. A escola era vista como instrumento de propagação do cristianismo de uma maneira de penetração mais fácil e que atingiria a sociedade brasileira de forma mais rápida. Assim, esses grupos religiosos demonstraram plena convicção de que através da educação poderiam atingir a sociedade brasileira de forma mais eficiente.

A tendência dos missionários, de utilizar escolas para evangelizar, refletia a estratégia de ação adotada desde o início da colonização do Brasil. Hack afirma que o cristianismo, através de suas igrejas, sempre promoveu a instrução e educação entre os povos e prestou inestimáveis serviços na solução do problema educativo.

Assim como em vários países do mundo o protestantismo contribuiu decididamente na área educacional, com colégios e universidades, no Brasil a participação também foi efetiva. A busca de nova concepção pedagógica constituía preocupação para os educadores brasileiros há muito tempo. Porém, coube aos missionários protestantes, a oportunidade de criar escolas e colégios, onde o sistema pedagógico fosse o ponto alto, como uma nova perspectiva para o ensino brasileiro. O pioneirismo pedagógico e as inovações didáticas

oferecidas como contribuição protestante ao ensino brasileiro, são reconhecidos pelos próprios educadores nacionais. A nova pedagogia oferecida era progressista e mais liberal, tendia antes à emancipação do espírito do que a uma domesticação intelectual. O êxito do sistema pedagógico, aplicado nos colégios protestantes deve ser explicado não somente em termo de prática educativa, mas pela nova visão do mundo, oferecendo mais participação do indivíduo e condições para almejar melhoria de vida. Uma nova oportunidade surgia com a democratização do ensino, sem restrição de sexo, raça ou religião. A nova pedagogia proposta não estava tão interessada em criar escolas, mas em promover a qualidade do ensino para a formação de cidadãos úteis, que busquem o seu desenvolvimento pessoal. Ensinavam os colégios protestantes que o progresso da sociedade repousava nos indivíduos educados e, quando a educação alcançar todos os cidadãos, muitos males sociais seriam eliminados. A ignorância é o pior inimigo da democracia, provindo dela a pobreza, o crime e a indolência (HACK, 1985, p. 181 e 182).

Com o objetivo de apoiar o trabalho missionário que se iniciava, foram criadas inúmeras escolas junto às igrejas. Os relatórios pastorais registram instalações de muitas escolas em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Curitiba, Campinas e, mais tarde, em Florianópolis.

Em Florianópolis, a escola Evangélica teve seu início em 1903 com a matrícula de 24 alunos. Suas atividades se desenvolveram no mesmo salão onde se realizavam os cultos. A Escola Evangélica elegeu como objetivos de sua presença, os seguintes itens: abrigar todas as crianças, sem distinção de raça, cor, sexo ou religião; não fazer propaganda religiosa proselitista, mas apoiar-se na moral cristã, tendo como livro básico a Bíblia. Em 1908, houve uma reestruturação na escola que passou a se chamar Escola Americana. Em 1868, havia outra escola protestante em Florianópolis denominada Escola Alemã (HACK, 1985).

4.3 OPÇÃO RELIGIOSA DAS MULHERES E EFEITO SOBRE A ESCOLARIDADE DOS FILHOS

Uma pesquisa realizada por Anuatti Neto e Narita (2007) demonstra como a opção religiosa pode apresentar vários efeitos econômicos e um deles é sobre a acumulação de capital humano. Foi testada a presença dos efeitos da adesão religiosa das mães sobre a escolaridade de seus filhos. A amostra foi de mulheres com 40 e 45 anos de idade (escolheu-se este grupo por apresentar maior estabilidade quanto ao número de filhos, e também por apresentar maior estabilidade no que se refere à opção religiosa declarada). Consideraram-se as diferenças existentes entre os grupos religiosos quanto à cor ou raça, renda, escolaridade, situação conjugal, localização geográfica e número de

irmãos. Identificou-se a presença de um efeito direto da opção religiosa sob a escolaridade dos filhos.

A tabela 17 classifica as opções religiosas de acordo com o ganho observado em relação à católica. Tais resultados confirmam que a religião afeta a acumulação de capital humano na família - observado via escolaridade dos filhos - independentemente de fatores socioeconômicos que poderiam explicar os efeitos obtidos em diferentes grupos religiosos (ANUATTI NETO E NARITA, 2004).

Tabela 17 – Opção Religiosa das Mulheres e Efeito sobre a Escolaridade dos Filhos

Opção religiosa	Percentual de ganho ou perda de Escolaridade em Relação à Opção Católica
Evangélica Tradicional	10,3
Outras	5,5
Evangélica Pentecostal	-9,2
Sem Religião	-11,9

Fonte: Anuatti Neto e Narita (2007).

Para efeito de comparação, foi subdividida novamente a religião protestante em Tradicional e Pentecostal. Pode-se observar que os filhos das mulheres pertencentes à religião Protestante Tradicional apresentaram um diferencial de escolaridade 10,3% superior aos filhos das mulheres católicas. Por outro lado, a escolaridade dos filhos de mães pentecostais e daqueles cujas mães declararam não possuir religião apresentaram resultados inferiores à escolaridade dos filhos das católicas.

Estes resultados mostram que, mesmo controladas as características que se associam fortemente a este grupo, como população com baixo nível de renda e de escolaridade, elevada proporção de mulheres casadas em união consensual e altas taxas de fecundidade, a opção religiosa pentecostal tem um efeito líquido negativo para a escolaridade dos filhos.

(ANUATTI NETO E NARITA, 2004 p.477).

Embora pareça haver uma relação de causalidade entre a opção pela religião pentecostal e o nível de escolaridade e renda, poderia ser exatamente ao contrário, isto é, a religião evangélica pentecostal pode ter se desenvolvido entre a camada mais desfavorecida da população em função da ausência do Estado junto a esta população.

Continuaremos, portanto, na linha de interpretação que emerge na literatura recente segundo a qual os evangélicos estariam associados a condições econômicas e sociais bastante adversas. Haveria, portanto, uma opção pelo protestantismo por parte de

segmentos sociais desprovidos de recursos financeiros e, assim, menor escolaridade; conseqüentemente, menor renda.

Como lembra Bohn (2004, p. 356), essa associação do pentecostalismo com condições socioeconômicas adversas, em que a precariedade da presença estatal é patente, fez com que muitos autores equacionassem o crescimento das religiões evangélicas a uma regressão da racionalidade e da modernização da vida pública – esse tipo de religião nasceria da pobreza e se alimentaria da falência da capacidade do Estado de responder às necessidades básicas da população.

Burdick (1993), por outro lado, vê essa mesma associação sob uma ótica diferente. Seu trabalho descreve como as associações de bairro comandadas por evangélicos – ele analisa membros da Assembléia de Deus na região metropolitana do Rio de Janeiro – são geralmente mais eficazes na solução dos problemas locais em virtude da maior persistência e credibilidade de suas lideranças.

Segundo Martinez (2007), mesmo estando entre os menos escolarizados os evangélicos têm menor número de filhos se comparado com seus vizinhos de outras religiões. Três quarto das mulheres evangélicas casadas usam contraceptivos e quase 90% da religião acreditam que a moral sexual do homem e da mulher deva ser igual.

4.4 ANOS DE ESTUDO POR RELIGIÃO EM SANTA CATARINA

Bohn (2004) declara que os evangélicos – sobretudo os membros das denominações pentecostais – provêm de setores socioeconômicos significativamente desprivilegiados, tanto no que se refere à renda quanto ao nível de escolaridade. Esse perfil, no entanto, não é exclusivo ao segmento evangélico; ao contrário, guarda consideráveis similaridades com o público adepto das religiões católica e afro-brasileiras. Diante dessa semelhança de perfis, dificilmente eventuais diferenças de opinião, atitude ou comportamento entre esses três grupos podem ser atribuídas aos fatores renda e escolaridade.

Segundo Barros e Mendonça (1996), a persistência das desigualdades de oportunidades no Brasil está em função do fator educação. Eles explicam que o país, além de ter um dos mais altos padrões de desigualdade de educação no mundo, é também um

dos com maior sensibilidade dos salários aos níveis educacionais do trabalhador. Em suma, esses dois elementos em conjunto levam o Brasil a ter uma das maiores desigualdades salariais e educacionais do mundo.

Segundo Chiarine (2007), investir em educação aumenta muito a renda futura. As pessoas que contam com, pelo menos, um integrante com curso superior ganham em média R\$ 3.817,96, mais que o triplo das famílias que não tem nenhum integrante com este nível de escolaridade com renda mensal de R\$ 1.214,24.

Pode-se observar na Tabela 18 e 19 que a parcela mais significativa dos católicos, evangélicos e os sem religião em Santa Catarina, tem de 4 a 7 anos de estudo. Já a maioria dos de outra religião de 8 a 11 anos de estudo. Vê-se também que 73% dos evangélicos; 68,3% dos católicos; 61,4% dos sem religião e 50% das “outras religiões” tem menos de oito anos de estudo¹⁴. Quando se apresenta valor igual ou maior que 11 (onze) anos de estudo, interpreta-se que a pessoa estava freqüentando ou já havia concluído algum curso superior. Nas “outras religiões” 15,2% tem 12 anos ou mais de estudo nos sem religião 12,4%, contra os evangélicos que são apenas 4,3% e os católicos com 5,9%.

Tabela 18 – Anos de Estudo por religião em Santa Catarina (2000).

Tempo de Estudo	Católico	Evangélico	Outras	Sem Religião	Total
	% da população	% da população	% da população	% da população	% da população
Sem instrução ou menos de 1 ano	80,0	16,1	1,8	2,2	100
1 a 3	80,3	16,7	1,5	1,5	100
4 a 7	81,3	15,6	1,5	1,6	100
8 a 11	81,8	13,3	2,9	2,0	100
12 ou mais	79,8	10,8	5,4	4,1	100
Ignorado	81,2	15,3	1,6	1,9	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

¹⁴ Anos de estudo: Indica o número de anos de estudo para cada morador do domicílio. Foi obtido por programa através das variáveis: freqüência à escola, nível de escolaridade e série que freqüentava ou última série concluída. Nas situações em que não existia informação em alguma variável envolvida na definição, foi atribuído o valor “ignorado”.

Tabela 19 – Distribuição das Religiões por tempo de estudo (2000)

Tempo de Estudo	Católico % da religião	Evangélico % da religião	Outras % da religião	Sem Religião % da religião
Sem instrução ou menos de 1 ano	18,3	19,7	15,4	20,8
1 a 3	15,8	17,7	11,2	12,5
4 a 7	34,1	35,5	23,4	28,1
8 a 11	25,0	21,9	34,2	25,3
12 ou mais	5,9	4,3	15,2	12,4
Ignorado	0,9	0,9	0,6	0,9
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

4.5 RENDA POR RELIGIÃO

Segundo Novaes (2001), os evangélicos conseguem penetrar em áreas que têm se mostrado inalcançáveis para outros segmentos religiosos. São setores sociais que, por sua precariedade de condições, revelam, por outro lado, a mais completa ausência do poder público.

Assim, pode-se observar que a renda per capita dos evangélicos é, em média, a menor de todo o estado catarinense, com R\$ 303,83 per capita; seguido pelos católicos com R\$ 350,69 per capita; logo após, tem-se os sem religião com uma renda per capita de R\$ 461,91. Os seguidores de outras religiões, que tem mais anos de estudos, detêm a maior renda per capita do estado R\$ 536,59 (Tabela 20).

Tabela 20 – Renda Per Capita por religião em Santa Catarina (2000).

Renda Per Capita	Católica	Evangélica	Outras	Sem Religião
Valor em RS	350,69	303,83	536,59	461,91

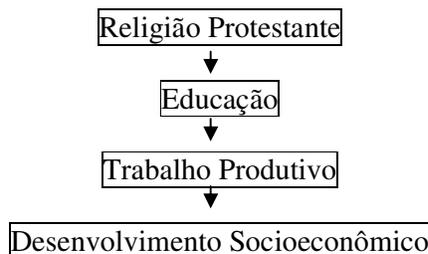
Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FGV.

Brito (2007) afirma que as famílias chefiadas por uma pessoa que segue religião espírita, no Brasil, têm maior rendimento médio mensal (R\$ 3.796) do que as mantidas por um evangélico pentecostal (R\$ 1.271), segundo Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2002-2003, divulgada pelo IBGE. A escolaridade entre as religiões influenciou nos resultados. Os maiores rendimentos, que são dos espíritas, muito provavelmente são porque eles têm um grau de escolaridade maior do que os evangélicos pentecostais, que ficaram com a menor renda. Também deve se levar em consideração que as famílias espíritas têm menor concentração de integrantes, (2% no Brasil), enquanto que as

evangélicas de origem pentecostal representam cerca de 11%.Em relação às despesas, as famílias com maiores gastos total também foram aquelas chefiadas por espírita (R\$ 3.617), enquanto as com menores gastos foram as evangélicas pentecostais (R\$ 1.301). A maior proporção de famílias (74%) é da religião católica apostólica romana, e seu rendimento médio é de R\$ 1.790. Os evangélicos, em geral, atingiram um rendimento médio familiar de R\$ 1.500 e representou 17% do grupo familiar entrevistado (BRITO, 2007).

Com tudo o que foi exposto, pode-se concluir, com a interpretação de Almeida (2008), que, através de estudos de autores contemporâneos, Weber estava errado. Ele afirma que o desenvolvimento está correlacionado com a religião, mas não por causa da ética do trabalho e sim por causa da ética da educação. Portanto, a religião protestante teve impacto na educação, que teve impacto no desenvolvimento socioeconômico. Logo, o desenvolvimento econômico está correlacionado com a religião, mas não por causa do trabalho, como defendia Weber, e sim por causa da ética da educação. O capitalismo não se desenvolveu porque as pessoas trabalhavam mais, mas porque passaram a trabalhar de forma mais produtiva através da qualificação (figura 5).

Figura 5 – Desenvolvimento Socioeconômico



Fonte: Elaborado pela autora.

Com isso, entende-se que não seria apenas a religião a responsável pelo desenvolvimento econômico, e sim os níveis de educação, associados a ela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação central de Weber em *A Ética Protestante e do Espírito do Capitalismo* foi desvendar o surgimento do capitalismo com base na organização racional do trabalho, ou seja, as razões pela qual se deu o desenvolvimento de um tipo específico de conduta racional. Para Weber, a ética protestante foi a base do desenvolvimento do capitalismo, mas não de maneira absoluta. Vários outros fatores devem ser considerados, delineando as condições históricas específicas para o desenvolvimento do capitalismo em algumas regiões do mundo.

No Brasil, principalmente por causa dos evangélicos pentecostais, houve um considerável crescimento no número de adeptos da religião protestante nas últimas décadas. Porém este grupo se difere dos protestantes estudados por Max Weber à medida que nos deparamos com dados do censo brasileiro.

Traçando um perfil geral dos protestantes de Santa Catarina observa-se que:

- Quanto ao sexo, a maioria são mulheres (52,7%);
- Os negros, pardos e índios estão significativamente concentrados, proporcionalmente ao número de fiéis, na religião protestante;
- A quantidade de pessoas com deficiência é maior, proporcionalmente, na religião evangélica do que nas demais religiões;
- Houve, proporcionalmente, maior imigração de evangélicos se comparado com os católicos no estado;
- Acompanhando a tendência do estado, estão concentrados nas atividades do Setor terciário e secundário;
- Se comparados aos desempregados de outras religiões e sem religião, são minoria;
- Os evangélicos estão representados no meio rural com 12,3%. Já a religião católica está representada com 17,8% onde se encontram menos de 10% dos sem religiões e de outras religiões;
- Mais de 30% dos moradores do aglomerado subnormal (favelas), e das aldeias indígenas são evangélicos;
- Os evangélicos têm em sua maioria, assim como os católicos e os sem religião, de 4 a 7 anos de estudo;
- 73% dos evangélicos têm menos de 8 anos de estudo e apenas 4,3% dos evangélicos esta cursando ou concluiu curso superior.

Percebe-se que a religião evangélica tem se desenvolvido entre a camada mais desfavorecida da população, com os menores níveis de educação e renda. Talvez o fato possa ser explicado pelo papel social que a Igreja desenvolve substituindo a ausência do Estado.

Conclui-se que a condição de vida dos evangélicos e da população geral do estado só sofrerá modificações quando houver investimentos em educação, que possibilita aumento de renda e melhoria de vida dos que se educam e gera externalidades positivas, como desenvolvimento social.

Este trabalho teve por preocupação resgatar a discussão, oriunda de Weber, das origens do capitalismo, atrelada a uma nova ética - a ética protestante. Esta ética, enquanto moral ligada ao trabalho, permitiria a acumulação de capital. Entretanto, Weber não atribui apenas ao aspecto religioso o progresso econômico, mas associa ao fato da religião protestante ter avançado na Alemanha entre pessoas com mais qualificação, o que se justifica pela necessidade, nessa religião, dos seus seguidores lerem e interpretarem a Bíblia.

Nesse contexto, este trabalho buscou verificar se, no caso específico de Santa Catarina, seria possível associar melhores níveis de renda à religião protestante e o que se verificou foi que, ao contrário do que se poderia esperar em Weber, o protestantismo no estado - e a sua face mais dinâmica, o pentecostalismo - está associada a baixos níveis de educação e renda.

A análise estática, feita a partir de dados secundários, revela que há uma relação entre a opção religiosa evangélica e a baixa renda, mas, diferentemente do que leva a crer Anuatti Neto e Narita (2004), que afirmam que há um efeito negativo na escolaridade dos filhos de mães evangélicas pentecostais, a camada mais desfavorecida da população busca nestas igrejas o suprimento das lacunas deixadas pelo Estado. Portanto, é a população de baixa renda que busca a religião evangélica pentecostal.

Escapa aos objetivos deste trabalho, que se propôs caracterizar os evangélicos no estado e proceder a um primeiro olhar à luz da tese de Weber, verificar se, de fato, o ingresso das pessoas no protestantismo pode trazer, com o tempo, melhora econômica. Sem dúvida, o assunto mereceria um trabalho focado no acompanhamento sistemático de famílias ou indivíduos para verificar o efeito que a inserção no protestantismo tenha sobre a condição socioeconômica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Alberto. **É mais fácil camelo passar por um buraco de agulha.** Valor On-line de 28/03/2008. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/Sear.aspx?q=%c3%89+mais+f%c3%a1cil+camelo+passar+por+um+buraco+de+agulha.+&w=P+alavra-chave&p=1&sp=1>>. Acesso em: 09 nov. 2007.

_____. Carlos Alberto. **Max Weber e a ética protestante.** Valor On-line 28 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/Search.aspx?q=Max+Weber+e+a+%c3%a9tica+protestante&w=Palavra-chave&p=1&sp=1>>. Acesso em: 13 maio 2008.

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na Metrópole paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 56, p.15-27, 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/107/10705602.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2008.

ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiaraju. Pobreza e redes Sociais. **Novos Estudos: CEBRAP**, São Paulo, n. 68, p.94-106, mar. 2004. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Art_Ronaldo_Tiaraju.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2008.

ANUATTI NETO, Francisco; NARITA, Renata Del Tedesco. A Influência da Opção Religiosa na acumulação de Capital Humano:Um estudo Exploratório. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 34, n. 3, p.453-486, jul. 2004.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 557p.

BARROS, Ricardo Paes e; MENDONÇA, Rosanne. **Os determinantes da desigualdade no Brasil:** A economia brasileira em perspectiva. Rio de Janeiro: Ipea, 1996. 2 v.

BARROS, Ricardo Paes de et al. **Determinantes do Desempenho.** Rio de Janeiro: Ipea, 2001. 33 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2001/td_0834.pdf>. Acesso em: 05 maio 2008.

BOBSIN, O. **Correntes religiosas e globalização.** São Leopoldo: Contexto, 2002. 162p.

BOHN, Simone. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, v. 10, n. 2, p.288-338, out. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/329/32910206.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2008.

BORTOLOTTI, Marcelo. Reforma na Selva. **Veja On-line**, São Paulo, v. 2004, n., p.01, 18 abr. 2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/180407/p_108.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2008.

- BRITO Diana. **Espíritas têm rendimento maior que evangélicos, diz IBGE.2007.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u324070.shtml>>. Acesso em: 04 jun. 2008.
- BRUM, Eliane; SANCHES, Mariana. O que significa ser católico no Brasil. **Época**, São Paulo, n. 468, p.01-02, 09 maio 2007. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77276-6014,00.html>>. Acesso em: 19 fev. 2008.
- BURDICK, J. **Looking for God in Brazil.** The progressive Catholic Church in Brazil's religious arena. Berkeley: University of California Press, 1993.
- CÂMARA, Uipirangi. **Via Teológica.** 8. ed. Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, 2003. 71 p.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado:** organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. 2. ed Petropolis (RJ): Vozes, 1999. 504p.
- CASTRO Cláudio de Moura. **Brasil - O Estado de uma Nação – 2006.** Educação no Brasil: Atrasos, conquistas e desafios. Capítulo 3: Brasília: IPEA, 2006.
- CHIARINI, Adriana. **Quem investe em educação ganha mais e gasta mais.** Disponível em: <http://www.institutobrasilverdade.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2020&Itemid=2>. Acesso em: 05 ago. 2007.
- CÉSAR, Marília de Camargo. **A opção pela elite.** Valor On-line de 30/03/2007. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/Search.aspx?q=A+op%C3%A7%C3%A3o+pela+elite&w=P+alavra-chave&p=1&sp=1>>. Acesso em: 28 mar. 2008.
- CORREIA, Ronaldo Zandoná. **Reflexões sobre Economia e Religião: seus Principais Pensadores e a Igreja Católica Brasileira.** 2003. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Curso de Economia Aplicada, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2003.
- ECKER, Elisabeth do Amaral. **Condição feminina protestante:** um estudo de caso na igreja presbiteriana do Brasil. 2002. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=18940>. Acesso em: 15 maio 2008.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber.** 4. ed. - Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1987. 209p.
- FULLERTON, Kemper Calvinism and Capitalism, an Explanation of the Weber Thesis. In: Robert W. Green(ed.) **Protestantism and Capitalism:** The Weber Thesis and Its Critics. Lexington: Mass, Heath, 1959, p.19.

FUSFELD, Daniel R. **A era do economista**. São Paulo: Saraiva 2001. 356p.

GOMES, Marília Miranda Forte; CATALÃO, Igor de França. **Migração, Religião e a Dinâmica Urbana: um enfoque sobre o Pentecostalismo No Distrito Federal**. Brasília: Abep, 2006. 15 p. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_405.pdf>. Acesso em: 13 maio 2008.

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e educação brasileira: presbiterianismo e seu relacionamento como sistema pedagógico**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. 237p.

HADDAD, Cláudio. Quem tem medo da educação? **Valor On-line**, 21 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/Search.aspx?q=quem+tem+medo+da+educa%c3%a7%c3%a3o&w=Palavra-chave&p=1&sp=1>>. Acesso em: 13 maio. 2008.

HENRIQUES Ricardo. **Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das condições de vida na década de 90**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. 739p.

IGREJA CRISTÃ MARANATA (Brasília) (Org.). **Surdos na Obra**. Disponível em: <http://www.icm.org.br/surdos_obra.htm>. Acesso em: 04 jun. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo/questionarios.shtm>>. Acesso em: 17 maio 08.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF**. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/19052004pof2002html.shtm>>. Acesso em: 05 maio 08.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Educação no Brasil: atrasos, conquistas e desafios**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/default.jsp>>. Acesso em: 06 abr. 2008.

JOHNSON, Greg. **O Mundo de acordo com Deus: uma visão sobre cultura, o trabalho, o sexo e cada detalhe de sua vida**. São Paulo: Editora Vida, 2006. 251p.

KANITZ, Stephen. **O que é o Terceiro Setor?** Disponível em: <<http://www.filantropia.org/OqueeTerceiroSetor.htm>>. Acesso em: 19 maio 2008.

KUDZIELICZ, Maria. **A Mulher Cristã a Serviço da Comunidade Moderna**. SAF em Revista. São Paulo: Presbiteriana, 1970, p. 25.

LEMBO, Cláudio. **O Pensamento de João Calvino**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados: ANPOCS, 1996. 221p.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p.387-396, maio 2005.

MAI MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO. **Classificação de religiões**. Disponível em: <http://www.mai.org.br/files/pdf/anexo1_RELIGIOES.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2008.

MAI MINISTÉRIO DE APOIO COM INFORMAÇÃO. **Um estudo das denominações nas regiões brasileiras**. Disponível em: <http://www.mai.org.br/files/pdf/estudo_denominacoes_regioes.pdf >Acesso em: 17 jan. 2008.

MARTINEZ, João Flávio. **O crescimento da fé evangélica está mudando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros chiques, dos presídios à televisão**. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/midia/artigo.aspx?Ing=PT-BR&article=1129&menu=16&submenu=5>>. Acesso em: 12 maio 2008.

MIRACELLY, Karenine. **Jovens trocam de religião com mais frequência, revela pesquisa**. Disponível em: <<http://www.folhadaregiao.com.br/noticia?55375>>. Acesso em: 03 jun. 2008.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2006. 351p.

NÉRI, Marcelo. A Ética Pentecostal e o Declínio Católico. **Conjuntura Econômica**, p.58-59, maio 2005.

_____. Marcelo. **Economia das Religiões**. FGV/IBRE Disponível em: <http://www4.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2>. Acesso em: 26 ago. 2007.

NOVAES R. A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política. **Revista da Usp**, São Paulo, p.60-81, mar. 2001.

NOVAES, Regina Celia Reyes. **Religiões e Prisões**. Rio de Janeiro: Comunicação do Iser, 2005.

SANT'ANNA, Sílvio L. O livro do Século. In: WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**: São Paulo: Martin Claret, 2004. 230p.

SCHWAMBACH, C. V. Gênesis 1.1-2.4. Observações exegéticas e relevância atual. *Vox Scripurae*. **Revista Teológica Brasileira**, São Bento do Sul, v. 13, n. 1, p. 7-52, abr. 2005.

SUMMER, W. G.. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987. 433 p.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto, **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003. 270p.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Ética e Cultura**. Escritos de Filosofia II. São Paulo: Loyola, 1993.

WANIEZ, P. et alli. **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2003.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2004. 230p.

ANEXOS

ANEXO 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS RELIGIÕES - IBGE/ 2000

- Sem Religião
- Católica Apostólica Romana
 - Católica Apostólica Romana
 - Católica Carismática, Católica Pentecostal
 - Católica Armenia; Católica Ucraniana
- Católica Apostólica Brasileira
 - Católica Apostólica Brasileira
- Católica Ortodoxa
 - Católica Ortodoxa
- Ortodoxa Cristã
 - Ortodoxa Cristã
 - Outras
- Outras Católicas
 - Outras Católicas
- Evangélica de Missão Luterana
 - Igrejas Luteranas
 - Outras
- Evangélica de Missão Presbiteriana
 - Igreja Evangélica Presbiteriana
 - Igreja Presbiteriana Independente
 - Igreja Presbiteriana do Brasil
 - Igreja Presbiteriana Unida
 - Presbiteriana Fundamentalista
 - Presbiteriana Renovada
 - Outras
- Evangélica de Missão Metodista
 - Igreja Evangélica Metodista
 - Evangélica Metodista Wesleyana
 - Evangélica Metodista Ortodoxa
 - Outras
- Evangélica de Missão Batista
 - Igreja Evangélica Batista
 - Convenção Batista Brasileira
 - Convenção Batista Nacional
 - Batista Pentecostal
 - Batista Bíblica
 - Batista Renovada
 - Outras
- Evangélica De Missão Congregacional
 - Igreja Evangélica Congregacional
 - Igreja Congregacional Independente
 - Outras
- Evangélica de Missão Adventista
 - Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia

- Igreja Evangélica Adventista Movimento de Reforma
- Igreja Evangélica Adventista da Promessa
- Outras
- Evangélica de Missão Episcopal Anglicana
 - Igreja Evangélica Episcopal Anglicana
 - Outras
- Evangélica de Missão Menonita
 - Igreja Evangélica Menonita
 - Outras
- Exército da Salvação
 - Exército da Salvação
- Evangélica de Origem Pentecostal Assembléia de Deus
 - Igreja Evangélica Assembléia de Deus
 - Igreja Assembléia de Deus Madureira
 - Igreja Assembléia de Deus Todos Os Santos
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Congregacional Cristã Do Brasil
 - Igreja Congregacional Cristã Do Brasil
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal O Brasil Para Cristo
 - Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Evangelho Quadrangular
 - Igreja Evangelho Quadrangular
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Universal do Reino de Deus
 - Igreja Universal do Reino de Deus
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Casa da Bênção
 - Igreja Evangélica Casa da Bênção
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Casa de Oração
 - Igreja Evangélica Casa de Oração
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Deus É Amor
 - Igreja Evangélica Pentecostal Deus É Amor
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Maranata
 - Igreja Evangélica Pentecostal Maranata
 - Outras
- Evangélica Renovada Sem Vínculo Institucional
 - Evangélica Renovada, Restaurada, Reformada Sem Vínculo Institucional
 - Pentecostal Renovada, Restaurada E Reformada Sem Vínculo Institucional
 - Outras
- Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional
 - Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Comunidade Cristã

- Igreja Evangélica Comunidade Cristã
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Nova Vida
 - Igreja de Origem Pentecostal Nova Vida
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Comunidade Evangélica
 - Igreja Evangélica Comunidade Evangélica
 - Outras
- Outras Igrejas Evangélicas de Origem Pentecostal
 - Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais
- Evangélica de Origem Pentecostal Avivamento Bíblico
 - Igreja Pentecostal Avivamento Bíblico
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Cadeia da Prece
 - Igreja Evangélica Cadeia da Prece
 - Outras
- Evangélica de Origem Pentecostal Igreja do Nazareno
 - Igreja do Nazareno
 - Outras
- Evangélica Não Determinada
 - Evangélica Não Determinada
 - Evangélica Sem Vínculo Institucional
 - Declaração Múltipla de Religião Evangélica
 - Outros Evangélicos
- Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
 - Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Mormons
 - Outras
- Evangélicos Testemunha de Jeová
 - Testemunha de Jeová
 - Outras
- LBV / Religião de Deus
 - Legião da Boa Vontade / Religião de Deus
- Espiritualista
 - Espiritualista
 - Outras
- Espírita
 - Espírita, Kardecista
 - Outras
- Umbanda
 - Umbanda
 - Outras
- Candomblé
 - Candomblé
 - Outras
- Outras Declarações de Religiosidade Afro Brasileira
 - Religiosidades Afro Brasileiras
 - Declaração Múltipla de Religiosidade Afro Com Outras Religiosidades
 - Outras

- Judaísmo
 - Judaísmo
 - Outras
- Hinduísmo
 - Hinduísmo
 - Ioga
 - Outras
- Budismo
 - Budismo
 - Nitiren
 - Budismo Theravada
 - Zen Budismo
 - Budismo Tibetano
 - Soka Gakkai
 - Outras
- Novas Religiões Orientais
 - Igreja Messiânica Mundial
 - Seicho No-Ie
 - Perfect Liberty
 - Hare Krishna
 - Discipulos Oshoo
 - Tenrykyo
 - Mahicari
- Outras Religiões Orientais
 - Religiões Orientais
 - Bahai
 - Shintoismo
 - Taoismo
 - Outras
- Islamismo
 - Islamismo
 - Outras
- Tradições Esotéricas
 - Esotérica
 - Racionalismo Cristão
 - Outras
- Tradições Indígenas
 - Tradições Indígenas
 - Santo Daime
 - União do Vegetal
 - A Barquinha
 - Neoxamânica
 - Outras
- Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional
 - Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional
- Não Determinada
 - Religiosidade Não Determinada /Mal Definida
 - Declaração Múltipla de Religiosidade Católica / Outras Religiosidades
 - Declaração Múltipla de Religiosidade Evangélica / Outras Religiosidades

- Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/ Espírita
- Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Umbanda
- Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Candomblé
- Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Kardecista
- Sem Declaração

Fonte: MAI (2007)

ANEXO 2 - DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO DOS SETORES CENSITÁRIOS –
IBGE/2000.

CLASSIFICAÇÃO DO SETOR	2000
1. Urbano	Situado na área interna ao perímetro urbano (linha divisória dos espaços juridicamente distintos de um distrito).
2. Cidade ou Vila	Sede municipal e sede distrital, respectivamente.
<u>Área Urbanizada</u> - Setor urbano situado em áreas legalmente definidas como urbanas caracterizadas por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e aquelas reservadas à expansão urbana;	
<u>Área Não Urbanizada</u> - Área não urbanizada de vila ou cidade, setor urbano situado em áreas localizadas dentro do perímetro urbano de cidades e vilas reservadas à expansão urbana ou em processo de urbanização; áreas legalmente definidas como urbanas, mas caracterizadas por ocupação predominantemente de caráter rural;	
3. Área Urbana Isolada	Setor urbano situado em áreas definidas por lei municipal e separadas da sede municipal ou distrital por área rural ou por um outro limite legal;
4. Rural	Situado na área externa ao perímetro urbano (linha divisória dos espaços juridicamente distintos de um distrito).
<u>Expansão Urbana</u> - Setor rural situado em assentamentos situados em área externa ao perímetro urbano legal, mas desenvolvidos a partir de uma cidade ou vila, ou por elas englobados em sua extensão;	
5. Aglomerado Rural	Loteamento, área de distrito industrial ou de projetos em expansão, com características de permanência, ou povoado (localidade sem a categoria de sede de circunscrição administrativa, mas com moradias, geralmente em torno de igreja ou capela, pequeno comércio, com seus moradores exercendo atividades econômicas não em função de um só proprietário do solo)
<u>Povoado</u> - Setor situado em aglomerado rural isolado sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculado a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústria, usina etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas no próprio aglomerado ou fora dele. Caracteriza-se pela existência de um número mínimo de serviços ou equipamentos para atendimento aos moradores do próprio aglomerado ou de áreas rurais próximas;	
<u>Núcleo</u> - Setor rural situado em aglomerado rural isolado, vinculado a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústria, usina etc.), privado ou empresarial, dispendo ou não dos serviços ou equipamentos definidores dos povoados;	
<u>Outros aglomerados</u> - Setor rural situado em outros tipos de aglomerados rurais, que não dispõem, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos definidores dos povoados, e que não estão vinculados a um único proprietário (empresa agrícola, indústria, usina etc.);	
<u>Zona Rural</u> - Área externa ao perímetro urbano.	

6. Exclusive Aglomerados Rurais	Área externa ao perímetro urbano, exclusive as áreas de aglomerado rural.
---------------------------------	---

Fonte: IBGE Documentação do Censo Demográfico de 2000.